

Oscar da Silva

JULIA CLARETIE, o coqueiro galante, referindo-se a si, n'um longo e substancioso artigo de recordações, a velhas glorias do theatro francez, commentava: «*Vous semez d'un poez où l'on oublie trop vite*».

O facto explica-se tendo em vista o caracter buliçoso, frívolo e borboleteante do espirito d'aquelle paiz que na hora extrema de acarinhar um triunfante ou de confundir uma promessa vae já distrahir o olhar para factos mais improvisados, vae desviando a attenção para horizontes mais ineditos. E assim, essa furia de applausos, esse tumulto de odios que passado o primeiro instante não deixa um rasto, levados que são para outros plainos, ficando o seu registo no abandono na aggressiva indifferença das *corvées noticiosas*.

Nós, malaventurada raça de amorosos, vivendo do travo d'um beijo e d'uma neaga de ceu azul, nem esse impulso frustre nos sacode a indolencia de contemplativos — em extase.

D'ahi, a falta de estimulo, de encorajamento para toda uma pleiade de eleitos que se finam mal o sonho d'arte ou a ambição do destaque começa a aflorar d'um impulso de temperamento ou d'uma ancia de coração. D'ahi, esses tardios e isolados gritos de revolta, perturbantes e fortes como um estridor de aurora e que a nocturna sombra, perversa, do tedio, apaga.

D'ahi, essa luta ingrata, luta de todos os dias e de todas as horas, na tentativa de uma reacção, na luminosa, vertiginosa escalada dos projectos que a amargura do inutil corrompe e demora.

Não ha allihoeta de glorioso, recanto anonymo d'arte, *glorieux insubmisso*, camarim de consagrado, onde a ruga do desgosto não amarfane um sorriso, ou quebre um gesto quando o labio ia a cantar, o braço a consequir.

Entre a legião dos fortes, dos que ainda devem a traçozeira mocidade uma restea frouxa de illusão, dos que ainda põem na vida, no alto, o brilho d'uma estrellita que, como a dos Magos, os guiará por enxaras e despinhadeiros, fixa-se esse perfil maguado de artista, de feições accentuadas, olhar de herde sonhador, como diria um romantico do tempo de João de Lemos, que é Oscar da Silva.

Não pretendo desvendar lhe a historietta infantil dos seus primeiros passos, nem se a bofada que precediu aos destinos d'aquella alma, á hora dos primeiros vagidos, lhe emballon o berço chorando uma languida sonata.

Requer a minha sinceridade de camarada o referir-lhe a lucta dos ultimos annos, quando elle regressou a Lisboa com a sua folha corrida de musico, o seu caderno de composições: *Imagens*, e uma grata mólhada de esperanças.

Appareceu nos elle uma noite no *Sisno* levado não sei por que casualidade de entrevista. A sua figura correcta, vigorosa, de dorso erecto e peito amplo, n'aquelle meio de requintados olheirados, de dyacrascos e de burguezes flatulentos, causou uma certa surpresa e aguçou a curiosidade nos dialogos. Vieram as apresentações, as conversas, e d'ahi a dia, um de nós propunha uma sessão musical n'uma baiuca de hospede,

unico poiso dos nossos banquetes que conservava illeso, no seu teclado de velho marfim, um heraldisco piano. Noite de recordações!... D'então para cá, Oscar da Silva, persistente na luta, confiado nos seus sonhos, forte nas suas ambições d'arte, foi-se a construir um alto castello de projectos, a sós com a sua emoção e a sua irreverencia.

Longe de censuras, longe de agapes e de confrarias de precisio-naes, foi-se adictando na felicidade d'um trabalho mais relativo bngostar e pela noite adiante, quando os do seu tempo esgotam a mocidade na bohemia errante das ceatas ou peroram esterilmente *blagues* e anecdotas, elle, na serena accensão da sua fé, ia compondo lentamente, aos poucos, as dolentes paginas d'uma *novella lyrica: D. Maria*, para a qual Julio Dantas fizera o libreto.

Depois, goradas certas tentativas de representação, causadas de indifferenças e de desdems — porque os houve — Oscar — um dos mais intensos affectivos, d'uma rara *sensibilidade*, da geração nascente — refugiu-se na indolencia, sem alento, perdido em dar lições por terceiros andares da *baiuca*, alheio ao petulante triunfo dos mediocreos, sem procurar rivalidades ou invejas.

Tecera para si, egoistamente, um sonho que lhe fugia transformado em pesadelo; mas a sua ancia abria lhe novas horizontes, rasgava-lhe novas claridades, e elle perseguia-o na esperanza de alcançal.

Contam intimos, que houve um momento decisivo na vida do artista, em que Oscar pensou em desistir de apresentar em publico a sua primeira, carinhosa obra.

Mas, revigorada a creença, persistindo na luta, affim um theatro, o Colyseu dos Recreios, annunciou-lhe a estreia. Foi uma noite de alvoroco e de enthusiasmo, d'alergia e de promessa, de triunfo e de consagração. E assim, o juvenil e talentoso compositor viu-se applaudido mereço do valor proprio, do proprio esforço e da sua tenacidade.

E a esta hora, por essa cidade adiante, sob este docel azul de ceu peninular, quantas almas de soffimento não abençoarão o artista d'aquellas paginas sentidas, cheias do grande amor da nossa terra, com todo esse legendario caracter, amoroso e aventureiro, que nos far florir no coração a rubra flor do crime e do crime... flor de sangue. Basta notar a canção do barytono no 1.º acto, d'uma enternecida musica secreta, feita de desespero e de alienação, de soluços, a soar, languida e perversa, fatalista como um destino, desesperadora como uma coardia, para Oscar da Silva ser hoje em Portugal uma das mais raras figuras de artista.

E já que, para gloria sua e nossa, a primeira obra apresentada foi uma florida promessa, é bom que ninguém desdenhe os seus deveres para que de futuro, recordando o passado, se não diga tambem que «*sonos d'un paiz que esquece tudo depressa*».

Naufrage embora o nosso credito politico no estrangeiro, mas salvemos a arte e ter se-ha salvo o paiz!...



Agora bem uma crise se não resolve ou pelo menos não entra n'uma fase mais aguda, que logo outra surge a avivar as inquietudes dos amigos da paz e dos partidários da fraternidade entre as nações.

Terminou virtualmente a crise da guerra do Transvaal, devanecendo-se os receios de um conflito europeu por motivo de qualquer veleidade de intervenção; mas logo o incidente chinês veio de novo fazer renascer esses receios. Entra o conflito chinês no período de apaziguamento, faltando apenas o que parece regular questões secundárias para que a paz se possa estabelecer; e já a questão de Marrocos desputa no horizonte com todo o cortejo de incertezas e sustos, que a sua solução e até a simples abertura d'ella comporta.

Está escripto que o século xx tem de seguir na esteira do ultimo quartel do seu predecessor, apesar dos vehementes desejos de socego e laboriosa tranquillidade que a Europa sente como suprema necessidade do seu desenvolvimento, quasi é licito affirmar, como condição imprescindivel da sua propria existencia.

D'esta vez coube á França a pouco invejavel gloria de assumir o papel de perturbador.

E' sabido com que voracidade (esta é expressão) a terceira republica franceza tem ido constituindo, ao menos no papel, o seu enorme imperio colonial. Na Africa é hoje a França a potencia que maior area possui, mesmo contando com a Inglaterra. Pois apesar de toda a vastidão dos territorios, que ella nunca poderá valorisar, e que mais lhe servem de pezado e inutil encargo do que de elemento de engrandecimento, ainda a republica cobra mais terra africana. Do lado de Tunis para as bandas de Tripoli não se pode estender, pois sabe bem que qualquer aquisição territorial n'esta direcção lhe custaria uma guerra com a Italia, que com certeza não se encontraria isolada na contenda. Por isso julgou o momento opportuno para preparar um golpe de mão sobre Marrocos, senão desde já pela conquista, o que seria demasiado violento, pela imposição ao menos de um protectorado, que com o tempo viria a importar o mesmo. Não contou, porém, com a attitude da Inglaterra e até certo ponto tambem com a opposição da Espanha, que não se resignaria facilmente a ter de renunciar para sempre aos seus sonhos de engrandecimento no continente fronteiro, tão ao pé da porta.

Em vista das difficuldades com que deparou e que parece não previu, a França resignou-se a encontrar uma solução pacifica para o seu conflicto com a magestade sheifranca, e por este lado pôde considerar-se o incidente provisoriamente encerrado; não, porém, sem ter provocado outro incidente a proposito das construcções de defesa militar de Gibraltar.

A Camara dos communs um deputado, interpellando o governo acerca do valor defensivo d'estas obras, dominadas como se sabe pela artilheria espanhola da serra Carbonera, deixou entrever a conveniencia de a Inglaterra adquirir a parte da costa de Espanha, indispensavel para pôr ao abrigo de qualquer investida séria a praça, que é a chave de uma das entradas do Mediterraneo.

A resposta do leader do ministerio, em termos correctissimos e até amigáveis para a Espanha, não conseguiu mais do que levar ao convencimento do publico (o que aliás todos mais ou menos já antes acreditavam) que alguma coisa grave se está n'este momento resolvendo no segredo das chancellarias a proposito da questão de Marrocos, que no fim de contas não passa de mero incidente apenas da questão mais complexa do predomínio no Mediterraneo, verdadeira porta de entrada d'esse Oriente onde actualmente se debatem os mais graves problemas da politica internacional.

Para não permitir equívocos com relação ao que se prepara, a França e a Inglaterra mandam as suas esquadras manobrar em evoluções de estudo, que tomam por thema verdadeiros objectivos de campanha. E assim principia, a melhor continúa o século xx a desenharem em traços inequívocos a inquietadora historia do seu futuro, a alguns mezes quando muito de distancia da conferencia de Haya, que na intenção ou pelo menos nas declarações emphaticas dos seus promotores, devia abrir uma nova era de paz e fraternidade entre as nações! Triste! profundamente triste!...

E para qualquer lado que se lance a vista, não se logra descobrir neça de horizonte melhor. Na Europa e na America amontoam-se lentamente as nuvens da infallivel tempestade. Na Asia tudo parece disposto para a lucta, que todos prevêem e ninguém tem forças de evitar.

A revolta dos boers e a consequente intervenção das potencias foi apenas um episodio — o prologo do drama que vae começar. Em vez de pacificarem os animos e de prepararem a reconciliação da China com a civilização occidental, os aliados apenas conseguiram este ponto de vista, é a Alemanha, que, indignado contra a Europa muito justamente o patriotismo chinês, amontoando com singular cegeira os elementos de uma futura e mais terrivel vingança.

Logo pelo lado da China; sem contar com o perigo maior que ameaça a paz do mundo, devido ás insaciáveis ambições das nações europeias, ciosas de adquirirem para cada uma d'ellas a absoluta preponderancia na politica e no commercio do Imperio do meio. Sob este ponto de vista, é a Alemanha, que, indignado contra a Europa escrupulosos processos de expansão territorial o elemento actualmente mais perturbador — talvez mais perigoso mesmo do que a propria Russia.

O grande risco de um conflicto com esta ultima nação está do lado dos japonezes. E' de uma lucta entre os dois imperios, irreconciliáveis rivais na Coréa, que pôde atear-se o incendio em que hajam

de se ver envolvidas as nações europeias. Já o rompimento se teria dado se outras fossem as condições financeiras do Japão. Felizmente estas condições obrigam por agora os ministros do *milão* a adiar para melhor occasião os seus projectos bellicosos.

No entanto e quaisquer que sejam as difficuldades internas com que tem a luctar, o Japão irá até ao extremo de declarar a guerra á Russia, se esta ultima potencia persistir em annexar a Coréa, ou pelo menos em ali se estabelecer de uma maneira preponderante. E comprehende-se esta decisão dos japonezes.

A exploração livre da Coréa, quando não possa ser a sua posse directa, é para o Japão uma questão de vida ou de morte. E' ali que elle tira uma grande parte da subsistencia, que as ilhas não podem produzir; é para ali que envia o excesso da população, que no acanhado territorio insular não pôde caber, e que na peninsula, mesmo de frente, vae achar como que uma segunda patria; é finalmente ali que estão collocados no commercio e industria locais valiosos capitães japonezes, que pouco a pouco vão pacificamente realisando a conquista do paiz.

O predomínio russo na Coréa seria a ruina inevitavel de todos estes valiosos interesses; sem contar que a presença de uma grande potencia rival, militarmente organizada n'este territorio, constituiria ameaça permanente contra a independencia da nação, e fonte de accrescidas despesas, para manter prompta a defesa contra um possível ataque dos russos. Não admira pois que para o Japão esta questão seja capital, e que o governo de Tokio esteja disposto a correr todos os riscos e a sujeitar-se a todos os sacrificios para evitar que a Russia se estabeleça em Seoul.

Do Transvaal continua o telegrapho a enviar-nos com a mais cruel monotonia a noticia quotidiana de novas embuscadas, de novos descarrilamentos, de novas surpresas, de novos incendios, de novas *razias* enfim a acabarem de devastar aquelle malfadado territorio. Aquillo já não é guerra, nem sequer guerra de guerrilhas. E' uma chacina que ameaça despojar a Africa do sul, e que nem sequer tem já a defendê-la os interesses e os enthusiasmos do patriotismo, porque o verdadeiro patriotismo n'este caso aconselharia os chefes boers a deporem as armas, que para cousa alguma podem agora servir-lhes a não ser para cada vez mais comprometterem o futuro da sua nacionalidade.

La valeur n'est héroisme qu'autant qu'elle est utile, dizem os francezes; e nunca este prologo de prudente sabedoria encontrou melhor applicação do que na hypothese presente. Perdida a esperança de uma possível intervenção, e adquirido a este certo de que, se o governo britannico em qualquer caso aconselharia os chefes boers a deporem as armas, já mais consentirão ás duas republicas a independencia, o mais patriótico seria aceitar resignadamente a realidade da situação com as suas inevitáveis consequências, e trabalhar para dentro da autonomia local, que cedo ou tarde lhes havia de ser concedida, reconstituir a nacionalidade *afrikanier*, contra a qual o elemento inglez com difficuldade poderá pacificamente luctar n'aquellas paragens.

Mas para conseguir semelhante resultado, unica aspiração digna n'este momento do patriotismo boer, seria necessario depôr quanto antes as armas, uma vez que ha certeza absoluta de que a continuação da guerra em vez de favorecer os interesses das duas republicas, ou antes dos seus habitantes, porque as republicas desapareceram, mais os prejudica, podendo até se o actual estado de cousas ainda se prolonga por algum tempo sacrificial e irremediavelmente.

E depois, há que confessar-o, se existe imperio em que as annexações de territorio não signifiquem anniquilamento das liberdades locais, é o do imperio inglez. Dentro d'elle vivem com absoluta autonomia, quasi independencia, não só as colonias australianas, hoje federadas n'um estado unico, mas até a propria parte franceza do Canadá, que pertence a outra raça.

Em que se differença a independencia do Transvaal antes da guerra, da independencia de facto que actualmente goza a Nova Zelandia, a colonia mais florescente do imperio britannico? E no entanto por uma questão de palavras continuam a ceifar-se na Africa do Sul tantas vidas preciosas, indispensaveis para fundar a civilização n'aquellas regiões.

Atraz de uma miragem, que já mais poderá converter-se para elles em realidade, correm os boers pela estrada dolorosa do mais duro dos calvarios, quando podiam alcançar, poumando tanto heroismo inutil, e com muito menos sacrificio, isso mesmo por que estão derramando o sangue em combates, que, pelo caminho que levam as hostilidades, só findarão quando cahir exaustos o ultimo combatente.

E mais uma triste pagina da historia a mostrar-nos a pobre humanidade a digladiar-se por entes de razão; a converter n'um valle de amargas lagrimas, por motivo de illusão enganadora, esta vida já de si tão curta e tão cheia de sofrimentos. Ainda os chefes boers teriam desculpa para a sua heroica teimosia, se ao renderem-se aos ingleses os esperasse, por exemplo, o futuro dos polacos na Silesia, na Pomerania ou no ducado de Posen, e dos dinamarquezes no Svinge, Holstein annexado. Mas o regimen que a Inglaterra impõe aos povos, que vivem dentro das fronteiras do imperio, está muito longe de se parecer com o tratamento que a Alemanha dispensa aos que tem a pezada honra de fazer parte do *Deutsches Reich*, apesar de todos os protestos e de todas as profissões de fé da imprensa germanica anglophoba...

MERECÇO DOVO DE RIMAS VELHAS

Minha querida filha Cordelia



I

Pois sim, pois sim, minha filha!
Já que te não posso dar,
A não ser por maravilha,
Galas que possas trajar;

III

Só espinhos, só abrolios
Abundam no meu casal,
E já meus caçados olhos
Se fecham a tanto mal:

II

Nem velludos nem setins
Que as tuas graças realcem,
Nem custosos borzequins
Que os pés mimosos te calcem;

V

— Dar-te-hei versos, se os estimas,
D'um que já soube cantar,
E, das minhas velhas rimas,
Far-te-hei um lindo collar.

III

Já que nada d'isto posso
No teu regaço depor,
Pois, nesta roça em que róço,
Não colho fructo nem flor.

VI

Não de pedrarias falsas,
D'essa enganadora luz
Que, no vortice das valsas,
Cega, deslumbra, seduz,



M. S. 1894

VII

Mas que, não raro, ilumina
A traçoira vereda,
Por onde o pudor declina
E vai direitinho á queda.

IX

São joias d'um brilho terno,
De reflexos sempre eguaes,
Que, da existencia no inverno,
E' quando se avivam mais.

X

São joias simples. Que importa?
Quando o teu olhar maguado
Aos páramos se transporta
Do infinito constellado,

São de outra especie e quilate
As pedras do meu collar;
Meu coração — sentes? — bate
Em cada uma, a soluçar...

XIV

Quando a sede me devora
Da Luz, d'onde ando proscripto,
Iluido-a, bebendo a aurora
Na taça azul do infinito...

XV

Ali, nada se engrinalda
De mentidos europeis;
Não é mais pura a esmeralda
Dos lagos nem dos vergeis.

XVI

Nem é mais limpido o riso
Que, d'um labio virginal,
Nos entreabre o paraizo,
Num rythmo d'ouro e crystal!

XI

Que vês? O que é que te enleva
Naquella pagina arqueada,
D'onde um cantico se eleva
De cada letra doirada?

XVII

Volve agora ao prado a vista.
Vá como, em roda de ti,
Fulge o topazio, a ametista,
E espirra sangue o rubi.

XII

Aquella grandiosidade,
O mago fulgor que tem
Do luar a claridade,
Não é tão simples tambem?

XVIII

Balouçado pela aragem,
Olha o malmequer cor d'ouro,
Tecido á roixa soagem,
Formando um tapete moiro.

XIII

Tudo, ali, se move, calmo,
Numa harmonia solemne
E grave, como a d'um psalmo
Ou de mystica Hippocrene...

XIX

Sorve o campesino aroma
Que exhala o trevo opulento,
Alçando a sanguinea côma,
Da papoila ciumento.

XX

Olha a cerulea buglossa
Fazendo beijo ao junquillo,
Que, num aprumo de troça,
Se pavoneia, casquillo.

XXIII

Salvo, doce rosmanninho,
Cujas balsamicas flor
Faz de cada cerrosinho
Uma melodia em côr!

XXIV

Olha a elegante centaurea
No seu corpete tão justo.
Ai d'ella! A saudade exhauri-a,
Mina-lhe o seio venusto...

XXV

Enquanto perfume exhales,
Não te podes occultar,
Oh casto lirio dos valles,
Lagrima suspensa no ar!

XXI

Saída, á beira da estrada,
Uma realeza cahida...
Vêl-a? a verbena sagrada,
Erecta, embora vencida?

XXVI

Olha a flor dos namorados,
A madre-silva olorosa,
Pondo em muros e vallados
Um vivo tom — creme e rosa.

XXVII

Colhe um ramo do espinheiro,
Tão florido, tão garrido,
Tão gaiteiro, tão palreiro,
Como — um noivo envaidecido!

XXVIII

Baixa mais o olhar á terra,
— A' terra, que é Mãe divina
Vê como b'ra ti descerra
O meigo olhar da bonina

XXII

Dos Cesares e dos bardos
Foi, outr'ora, a amiga austera...
Hoje — oh dor! só vê dos cardos
A pompa barbara e fera...

XXIX

Zombeteando a violeta,
Que esconde sempre o seu jôgo,
Vê, — com desgarrs de poeta —
A anagallis côr de fogo.

XXX

Olha a primula jucunda
No seu mimoso acatate,
Que um raião vermelho munda
Da peonia escarlate.

XXXI

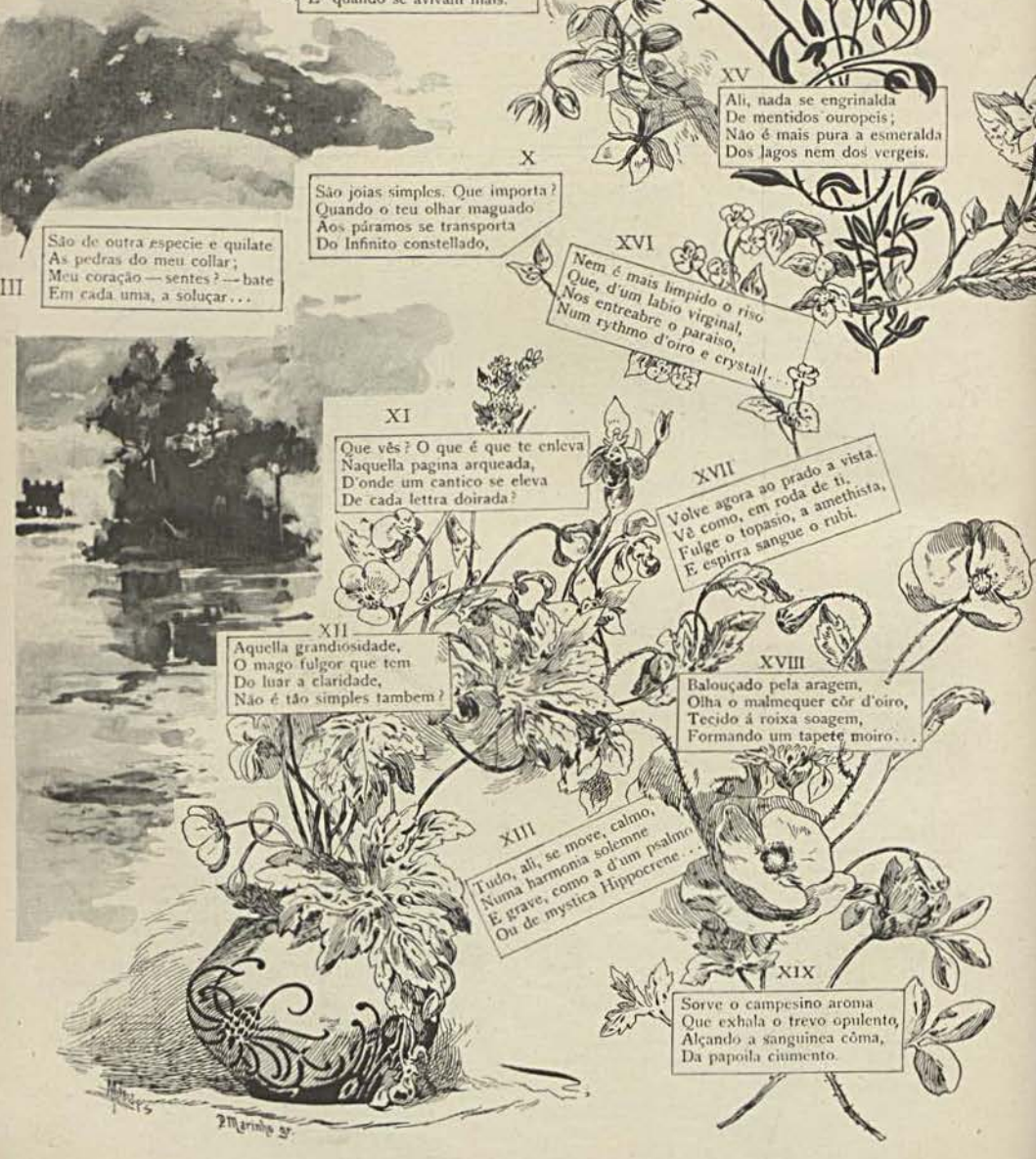
Põe no peito, e guarda, e admira,
Como um grãosinho de ceu,
Esta esplendida saphira
Que o myosotis me deu.

XXXII

Se amas os esmaltes raros,
Como os teve a Renascença,
Olha os botões d'ouro, claros,
Ponteeando a folhagem densa,

XXXIII

E a flor da murta, lustrosa,
D'um passepado cor de leite,
Cujas alvura é radiosa
E cujo aroma é um delite.



VIII



XXXIV

E tantas, tantas, ás mil,
Que a Mãe fecunda te dá,
Joias—do joalheiro Abril,
Mais bellas que as do Papá.

XXXV

Immensamente mais bellas,
— Ah, sim! sem comparação—
Do que estas rimas singelas;
Porém, mais singelas, não!

XXXVI

Não são mais simples nem puras,
Do que estas flores... alpinas,
Nem as que ardem nas alturas,
Nem as que esmaltam campinas.

XXXVII

Versos... o que nelles val
E é como que um dom celeste—
Não é a letra banal
Com-que a phantasia os veste.

XXXVIII

Não! Melhor que a fórma — sabe!
O que sempre os distinguem
E'... o que nelles não cabe,
— O coração que os sentia!



Libre 1901 - janeiro a
M. Duarte Robles

Historia do batel Vae com Deus e da sua companhia

AS MULHERES



Neste pedaço de costa que vae de Vianna a Aveiro, batido de sol, empoalhado de verde pela evaporação da agua, e riscado de penedia e de areaes tostados, que o oceano alastra de tinta azul, as mulheres quasi differem de povoação para povoação. Mas ha sobretudo tres typos absolutamente diversos — a poveira, a sanjoaneira, a varina. A poveira é feia, rude e bronca, mas trabalha

como os homens; a varina linda, morena e esvelta, é bella e fecunda. Enchem a costa, repovoam, alastram-se, colonizam. Infatigáveis, de cesto á cabeça, partem pelas estradas, apregoando, e vendendo, de saia encadeada, riso á flor dos labios, perna ao leo emãna na cinta, em carreiros infundáveis como as formigas. Seus olhos negros e pestanudos illuminam, sua bocca entreaberta mostra os dentinhos miudos e a sua linda voz ecoa:

— Viva da costa a saltar!...

E' honesta e laboriosa. Nada a intimida. Com o cesto ganha tanto como o homem com as redes. Vae o pescador para o mar, não ha uma velha em casa que cuide dos filhos ainda de peito? Mistura-os na canastra com o peixe, e la parte n'aquelle passo miudo e certo com que palmilha leguas e leguas.

— D'Espinho viva!...
Se viuva, veste de negro e continua na mesma faina, sustentando a filharada. Não he falta o pão em casa, não tem medo á fome e olha cara a cara a vida.

A sanjoaneira e pequenina e linda, palradora e mandriona como os homens. Tem ás vezes no olhar o azul do oceano, na pelle o tostado dos poentes, nos labios vermelhos e humidos o nacar de certas conchas.

Mas todas estas mulheres envelhecem depressa. Aos trinta annos são enrugadas e feias. Perdem a frescura com o casamento e a misceria torna-as desleixadas e negras, sempre arrasto pelos caes. Com a canastra ao lado, seccas pelas afflicções e pelos trabalhos, conversam na miseria, aos grupos...

Perderam a graça e até as formas de mulher. São ascorosas. O soffrimento e a fome, os tratos da vida, fazem d'ellas megéras. Um dia sem pão, no outro fome, homens e filhos despedaçados na barra, em casa pancadas e lagrimas, as soalheiras de verão e as tempestades de inverno, torcem-lhes o coração e seccam-as.

Em casa do novo arraes as raparigas já não tem frescura. A mulher, tão linda outrora, envelheceu e a irmã, quando vem da Povoação, de negro, com a saia de lá pela cabeça, parece da idade da mãe.

Os filhos crescem e a vida é identica, monotoná, triste e grande. Sempre a mesma miseria e a mesma lucta — e ao fundo o quadro inalteravel, bello e immenso, ou mugindo esverdeado de coleras ou azul e manso...



As mulheres

N'essa tarde as mulheres acoradas na praia encanstram redes, quando uma vela surge, miudinha, no horizonte.

— E o batel Vae com Deus!

— Não é. Sahu ha pouco.

— Já de volta? Não é.

— Aquillo foi desgraça.

— Não foram ao mar do peixe.

E, homens e mulheres, de roldão, correm ao caes discutindo.

O barco arree a vela, porque o vento cahiu e os homens remam, com um *anh!* de desespero, os pés fincados nos bancos. Os remos vergam ao cortarem a agua e na proa do batel a espuma referve.

— Que é? que foi? — perguntam ansiosos do caes.

— Perderam-se todas as redes! os poveiros cortaram as boias!

Cortadas as grandes boias de cortiça com um ramo de murta na ponta, as rédes vão á tóa pelo oceano. Nunca mais se encontram. Destruir-lhes o signal é um crime.

Ha por isso na praia um clamor de raiva. As rédes destruidas!

As rédes sua unica riqueza, ganha pão tirado á bocca, tecidas não de *ticum*, mas de sacrificios, de trabalhos e perigos!... Atrapelem-se. Ha uma barafunda. Os homens clamam raivosos e as mulheres, umas choram, outras berram enfurecidas: — Mata! mata!... Discute-se aos gritos.

— Foram os poveiros!

— Ao mar! ao mar! — clama uma mulher erguendo um bicheiro.

E' a Ardida, negra, róta, enorme.

Atiram-se de roldão para os linguetas. A turba corre aos bateis de remos erguidos, a Ardida na frente. E o mulherio em torno grita:

— Mata! mata!

Enchem os lanchões, os barcos, as catraias, acotovelam-se furiosos, e já no caes as mulheres começam a chorar, prevendo desgraça.

— Fóra o mulherio!

Empurram-as das catraias. Algumas aprepellam-se; outras segu-

ram-se aos homens gritando:

— Acudam! acudam!

Só n'um grupo aparte, as velhas continuam, roucas e batendo nos peitos, a clamar de espaço a espaço: — Mata! mata!...
— Mata! mata!...

Estão promptos os barcos. Das mulheres só a Ardida vae com elles de bicheiro em punho, róta, negra, furiosa, brandindo o gancho de ferro. Não ho uve arrancal-a do banco a que se agarrou. Tem mais



As raparigas

força que os homens. De pé, com os cabellos soltos, bate muros no peito secco, feia, desgrenhada, enorme, escarrecada e batida pelos pescadores, farta de soffrimento e de fome. Tem tido filhos sem conta, uns soldados, outros marujos; na cadeia, na cova, espalhados pela terra. Tem filhos no Brasil, tem-os sepultados no mar. Não teme a morte, como não teme a dor, tanto tem soffrido. Alta, a saia negra em frangalhos, continua a gritar:

— Mata! mata!

Parece que é ella que commanda, á prôa do seu barco, aquella frota de pescadores ululando de cólera.

A tarde cabe. Não ha vento e os homens de pé remam n'um alarido. Na praia as mulheres em tropel seguem os barcos chorando. Algumas, com os filhos ao collo, supplicam e depois erguem-os nos braços, mostrando-lhos.

— O' Joaquim! Antonio! olha o teu filhinho!...

Longe, já vão muito longe e ainda as mulheres pela costa erram afflictas. Mgem as aguas turvas e o céu turva-se. Grandes nuvens disformes começam a vir do sul como alcateias de monstros. Os lançobes e os bateis perdem-se, mas por entre o marulho das aguas, ouve-se sempre o grito da Ardidá:

— Mata! mata!

Acocoradas nos penedos fica um grupo de mulheres, com os filhinhos ao collo, escutando o ruido. Só se ouve o mar. As nuvens bartram agora, compactas e plumbeas todo o céu. Grasnidos de gaivotas que passam no alto presagiam desgraça... Tristes, calladas, todas ellas tem a marca do soffrimento e da miseria, o vestido escuro collado ao corpo, as faces magras, os peitos razos, as mãos afiladas e negras. Dil-as-hiéis encharcadas de lagrimas.

E vem sempre o mesmo ruido do mar, que parece mais fundo e mais tragico, comido pela escuridão e pela nevoa. Ellas esperam, escutam... Assim tem esperado a existencia inteira, com egual resignação—o soffrimento e a dor. Nasceram para o sacrificio, corajosas, laboriosas e honestas, olhando a vida com simplicidade e grandeza.

Ao longe, nas aguas revoltas, começa a essa hora, n'um fim de tarde angustiosa, a batalha com os poveiros.

RAUL BRANDÃO.



PRIMEIRO REMORSO

Perdidos e desgraçados por destino, encontraram-se um dia—o João, o José e a Maria.

Maria tinha no collete das fôrmas de creancita longe da nubildade, uma attrahecia inconsciente, alevantando para o futuro presagiamientos de loucuras. Mas na insinuancia do seu todo intermettias a espiritualidade vaga d'um sorriso, embrulhado n'um bafo leve de tristeza.

O João mail-o José, de olhos suavemente doces, annelados e negros cabellos, moldurando-lhes as faces tocadas d'um ar triste, tinham no todo desalinhado de creanças mendigas, um não sei quê de communicativo, que nos fazia perscrutar as variadas nuances do seu intimo.

Acobertavam-lhes os corpitos franzinos umas vestes trapeintas, esfiampadas, de saragoça reles, entremostrando de quando a quando, n'um rasgoão, a cutis d'uma alvura nevada.

Tinhm vindo do norte, da sua aldeia—uma linda aldeia, de cada lado abraçada pelos hortedros; aconchegada á sombra das arvores frondosas, onde as vinhas se enroscavam n'um estreito abraço; partilhando da vida que subia em seiva pelos couvaes, d'onde em onde cortados pelas feiras de estacas encruzadas, amparando o verde enroscado dos feijoeiros; e ouvindo a musica dormente, embalante, das aguas crystallinas, que vem dizer na bocca fria das fontes, palavras de sonho que ao fim caem desfeitas na espuma branca das levadas, a caminho das presas.

Como se luz occulta lhes estivesse acenando a rôtá a seguir, atraz nello voltam do exilio que se impozeram.

Atalho da vida adeante, pedindo gazalhado pelas alfurjas, topando em cada estrada a magia extranha dos poentes d'este céu; alvoradas cantantes atraz das manchas escuras dos arvoredros, onde ao depois a luz se recorta em claridades indecisas; olhando para alem, as sombras alaistradas em bico dos choupos encarreirados pelos rios, e as torres lendarias, com moiras de cabellos d'oiro e olhos d'estrellas, que arrastam, a evidenciarem o ondulate das linhas sensuaes, para olhos espiertados de sensações, musselinhas leves.

E assim, um dia, mais outro dia, passa! E assim toda a vida passará!

Vae sendo a hora em que a sombra desce.

Vae subindo a luz da madrugada.

Afastados d'uma aldeia, frente á sua ermida, longe, poisaram.

O sol nascente alaistra no céu pincelladas de luz.

Um rio, ao fundo, por entre as faias alongadas em perspectiva, escorre uma murmuração de prece. Verdes molhados de orvalho, pingam lagrimas como brilhantes. Parece que a vida, n'um circulo, no destorcimento das hervas, nos estalidos das pedras, vem nascendo pelo monte, onde no alto surge a ermida com seu portal gigante. Na esplanada, sobre tres escadas toscas, um velho cruzeiro estira os braços pelo ar.

Adormeceram.

Desnudada a rudeza mascula dos braços, carregando aos hombros as enxadas d'aço, para as regas depois de rasgadas as presas, homens de campo que passavam, entretvistando as raparigas n'uns acenos de largo, ainda em começo as mondas pelos trigas, ahí os viram cançados por effeito da longa caminhada.

N'um somno provocado pela extranha fixação visual, que punham na vigilancia d'ella, o João e José, adormecidos, sonharam:

Na hora em que um d'elles a somno solto dormia, deixando o a soffrer as amarguras do abandono, Maria, n'uma partida traiçoira, fazia se de abalada com o outro.

Ambos n'uma afflicção soltavam gritos que deviam ser bem distinctos para o coração, mas que o somno fazia morrer nos labios, n'um pequeno arranço, adivinhando no movimento que lhes dava uma aspiração maior, n'um arquejar do peito, n'um abrir de pulmões, ao refazerem-se do ar perfumado ao contacto com a frescura dos campos em flor.

Os mesmos estremeções dolorosos vinham abalal-os de quando em vez, té que um mais forte, libertando-os do pesadello, a apertar-lhes a cabeça d'encontro ás pedras musgosas do cruzeiro, a partir-l'ha no esforço que fazia para segurá-la, veio despedaçar o peso enorme que lh'a esmagava, e abriram os olhos rorejados das lagrimas d'um ultimo adeus!

Cruciante, a vibração nervosa que o ultimo estremeção posera na sua organisação de creanças exiladas do lar, originara-a o vêl-a perder-se muito alem, abraçada a seu irmão de desgraça, a companheira orfanada, confundida na poeira das estradas, onde as raparigas de tornada á vida tinham passado, espalhando pelo ar a toada olorisante d'uma canção divina; e, acordando, sob a mesma impressão de dor, meio alevantados, ficaram-se olhando; um remorso a dentro da consciencia que nunca o tivéra.

E quando o sol batia em cheio na frontaria da ermida, alguém que passasse, vêl-os-hia abraçados, os olhos rasos d'agua, emquanto a Maria, um sorriso cheio de bondade ingenua, um beijo de sol nas faces, dormia com a serenidade das almas innocentes, invocando na postura a fatigada de Skeibrok.

CELESTINO DAVID.



As palavras novas são como as fructas verdes; o publico só as aceita fazendo caxeta.

FRANCIQUE SARCÉY.

A opinião publica é muitas vezes o laço mais forte d'uma união conjugal.

WERTHEIMER.

Se os homens não sentissem a necessidade de se quixarem das suas amantes, os volumos de verros diminuiriam muito.

FRANÇOIS COPPÉE.

O passado guarda um reflexo dos nossos primeiros sonhos e parece superior ao presente, simplesmente porque é o passado.

JULES CLARETIE.

GRANDOLA

O certo espaço de que disponos não nos permite aproveitar subsídios, que temos colhido, para uma larga descripção da villa e concheio de Grandola.

Esta pittoresca e nobre villa fica sentada nas faldas da serra, do mesmo nome, a 22 kilometros de Alcaeer do Sal e a 25 de Sant'Iago de Caeca.

O concheio, que tem de area cerca de cem mil hectares, faz parte do distrito administrativo de Lisboa e conta, pelo ultimo recenseamento da população, perto de oito mil almas.

Foi já comarca independente, e tem condições para sel-o, mas pertence hoje ás duas comarcas limitrophes.

A villa tem, por armas, a cruz da ordem de Christo.

Ao comear o seculo xvi, Grandola era apenas uma insignificante aldeia, pertencente á comarca de Setubal e ao termo de Alcaeer, como o eram todas as villas até Odenira.

D. Jorge de Alencastro, duque de Coimbra, filho natural e muito querido de El-Rei D. João II, como mestre, que foi, das ordens de Sant'Iago e Avis, era senhor de crescido numero de villas e aldeias e entre estas da humilde Grandola, que visitava a mimdo, atrahido pela grande copia de caça, que ali havia.

Tanto se afeiçoou ao sitio, que resolveu n'elle erguer casa, para sua morada; sollicitando mais tarde de El-Rei D. João III que a modesta aldeia fosse elevada á categoria de villa e lhe fosse dado foral, o que conseguiu, em 1544.

Com os privilegios, que obtivera da munificencia regia, com as suas qualidades de principe e de mestre de Sant'Iago, senhor de grande casa e chefe de numerosa prole, facil lhe foi chamar a Grandola moradores de diversas classes e, entre estes, fidalgos dos mais illustres, que obsequiosamente lhe assistiam, e que por sua vez levantara

essas, que ainda hoje mostram os brazes de seus antigos possuidores. Deve a camara de Grandola por todo o cuidado em conservar taes brazes, como documentos perennes da origem nobre da sua villa.

Já que tratamos do fundador d'ella, vem a proposito uns factos curiosos da vida particular do illustre principe, noticias que fomos encontrar na *História Genealogica da Casa Real*.

Foi D. Jorge virtuoso e extremado cavalleiro, mas, até ao fim da vida, de coração bulhoso e ardente. Já viuvo e pae de onze filhos, quatro dos quaes illegitimos, quando já a côrte dava-se ainda a galanteador das damas do Paço, o que lhe valcu, por vezes, admoestações do severo D. João III, que allis muito o considerava.

Aos 43 annos de idade, apaixonado por uma moenia de familia illustre, pretendeu com ella contrahir segundas nupcias, ao que obstam, para evitar o escandalo, D. João III e os proprios filhos do tio seroadmiendo enamorado principe.

Como este recalcitrasse, é deterrado da côrte, aeolhendo-se ao castello de Palmella, residencia dos grão-mestres de Sant'Iago, onde passa a occupar-se da administração da ordem, que sempre lhe mereceu especial cuidado. Foi esta uma das epochas em que, naturalmente, fez mais demoradas estadas na sua villa de Grandola, pois que foi então que mais se deu aos seus predilectos exercicios venatorios.

Que D. Jorge não esqueceu a menina, que pretendeu desposar, é ponto averiguado, pois que, no testamento do duque, que temos presente, a vemos contemplada com avultada quantia — por lhe haver prometido casamento!

Fidalgo em toda a accepção da palavra!

Foi sepultado na igreja de Palmella, em 1560.

Em 1859, sendo profanada a se-

pultura, varias pessoas levantaram d'ella, como recordação, ossos e dentes do illustre infante.

Mereciam maior respeito aquelles restos mortaes, como de pessoa que foi de sangue real, grande illustração e provadas virtudes.

E, realmente, a modesta villa de Grandola uma das mais regularmente edificadas do paiz, como affirmam o padre Carvalho, Villena Barbosa, Pinho Leal e outros auctores, que temos á vista.

A eclesiastica, com as suas casas esmeradamente caiadas, com boas praças e alguns bons edificios, impressiona, muito agradavelmente, o visitante.

Os paços do concheio, espaçosos, como se vê da nossa gravura, situados na praça D. Jorge, conservam ainda, um antigo campanario, pois que Grandola mantém algumas curiosas velharias. O sino municipal só por motivos diversos; chama á sesso os vereadores, mas tambem faz ocho no coração das donas de casa, annunciando-lhes que chegou peixe á terra!

Não pareça que amesquinhamos taes usos; pelo contrario, somos dos que entendem que se devem conservar essas reliquias do passado. Tememos até que o emartello demolidor, que em Grandola já apeou o pelourinho, esse precioso symbolo que existia na praça D. Jorge, venha a deitar por terra o velho campanario. O alvitre já correu.

Na camara existem ainda um antiquissimo estandarte ricamente bordado e as varas vermelhas que, nas occasiões solennes, empunhavam os representantes do povo.

A igreja matriz, Nossa Senhora d'Assumpção, ampla, recifidada por D. Jorge, tem apenas digno de nota a grade do coro. A irmandade do Santissimo, erecta n'esta igreja, possui, porém, a magnifica custodia, que damos á estampa. Doada pelo duque de Coimbra, tem no pé o brazo d'este; é de prata dourada, cinzellada e tem de peso cerca de onze kilos.

A igreja da Misericordia, que tem annexo o hospital, é revestida interiormente de azulejos, bons e bem conservados azulejos, sendo para lastimar que uma impertinente e tosea grade de madeira corte o effeito de um dos melhores paineis das paredes.

Além d'estas igrejas, possui a villa a de S. Pedro e duas pequenas ermidas, a uma das quaes está ligada uma historia de mais de tres seculos que, por curiosa, não resistimos á tentação de deixar aqui registada.

Era alli venerada uma antiga e milagrosa imagem de Santo Estevam, que preservava da peste os habitantes de Grandola, e, por forma tal, que, nem mesmo quando geralmente a havia no paiz, alli, por virtude do santo, se fazia sentir. Os povos de Alcaeer mordiam-se de inveja e, em occasiões que padeciam do flagello, foram-se a Grandola e, sorrateiramente... furtaram a imagem!

Os grandolenses, inimigos de ritas, como ainda hoje, conformaram-se com o caso, tratando de buscar santo novo que lhes valesse, recebendo a ermidinha a imagem de S. Sebastião, que ainda lá se venera.

Deus, — assim nos diz o licenciado de Cardoso no *Agiologio Lusitano* —



O brazo da villa — O estandarte e as varas dos vereadores



Dr. José Jacintho Nunes



O rio Daviso — Ponte Saraiva de Carralho



A fonte da Apaulinha

lavo, impresso em 1652, — outorgou, ao novo defensor dos grandolenses, poderes para os livrar dos flagellos.

O facto é que Grandola é terra saudável. Nem a peste lá pode chegar!

Possue a villa bons estabelecimentos municipaes.

No novo cemiterio, vasto, arejado e bem construido, levantam-se alguns jazigos de boa fabrica, salientando-se o da familia Serrano, em estylo gothico.

O matadouro e o quartel são tambem edificios bem ajustados ao fim a que foram destinados.

Tem a villa escolas para ambos os sexos, duas boas pharmancias, dois monte-pios e duas sociedades recreativas, uma d'ellas com gabinete de leitura.

A administração do concelho fica na Praça Marquez de Pombal; a cadeia, muito segura e de boas salas, no mesmo edificio da camara.

Ha no concelho magnificas e variadas aguas potaveis. Uma das nossas gravuras representa a fonte da Apaulinha, o manancial que abastece a villa. As cercanias d'esta são fertes e formosas. Atravessa-as o rio Davino, com as suas margens arborizadas, as suas pittorescas *plaguetas* (pontos rusticos), indo desaguar no Sado perto da Assençada. Ha trinta annos ainda o largo trato de terreno que media entre Grandola e Alcaer era de monotonia e improductiva charneca. Hoje, arroteado já em grande extensão, nas immedições da villa, é povoado de bastas casinhas (*montes*, como lhes chamam), que alvejam por entre vinhedos, hortas e chaparras.

Ainda nos suburbios, a sete kilometros da villa, fica o celebre Borboleão, curiosa nascente, que tem a particularidade de ser olho de agua, que, de abertura redonda, rebenta do solo, e de ser, ao mesmo tempo, sorvedouro, cheio de areia e barro mole, onde se atase e afunda o que ali cae. O vulgo, sempre propenso ao sobrenatural, attribue-lhe successos estupendos, taaes como ter o sorvedouro tragado uma junta de bois, borbulhar com violencia quando se lhe approxima mulher de saia encarnada, etc.

Este manancial firma um rio, o Arção, que, serpendo em caprichosas curvas por entre pinhaes e montedos, faz trabalhar arenhas e vae passar sob uma ponte natural, uma das curiosidades de Grandola. Em tempos, a corrente, naturalmente mais forte do que agora, estavando a terra e rompendo uma rocha branda, formou um arco e estabeleceu uma solida e larga ponte, a que chamam dos Alivados. As margens do rio, n'este ponto povoadas de freixos, amieiros e de outras arvores, cobertas de hera cujas braçadas, envolvendo a rocha, vão mergulhar na agua, tornam o sitio de um adoravel pittoresco.

O rio vae ainda, mais longe, formar uma pequena lagoa, conhecida pelo original nome de Diabraria, egualmente pittoresca, porque a agua se lança n'ella de elevada rocha.

Ao sul da villa, a uns tres kilometros, no cume de elevado monte, campea, sobre as dilatadas terras do concelho e dos concelhos de Setubal, Ferreira e Beja, a ermida de Nossa Senhora da Penha de França, fundada no reinado de D. João V., em 1700.

Não podemos alongar-nos na descripção do magnifico e risolho panorama que d'ali se desfruta: lá em baixo, na planicie, a villa com a sua casaria alvejante com os seus poeticos campanarios, apparece-nos isolada, recortada no meio de expressos bosques, de sobreiros e olivei-

ras, tendo, por fundo, uma cerrada mata de eucalyptus. Mais longe, por entre a charneca, uma recta de quatro leguas: a estrada para Alcaer.

Tambem no reinado de D. João V, em 1727, se fundou na villa, sob a invocação de Nossa Senhora dos Anjos, um hospicio para agasalho dos frades Agostinhos Descalços. A antiga casa ainda existe perdida a feição primitiva n'um dos extremos da villa, no terreiro a que o povo chama — Rocío dos Prades.

Em diversas epochas e em diferentes pontos do concelho tem sido encontrados alicerces de antigas fortificações, moedas e outros objectos do tempo dos romanos.

Como tratamos apenas da villa e seus arrabaldes, não nos occuparemos de Troia, a famosa cidade soterrada, de fundação phenicia, como suppeem uns, romana, como querem outros, que jaz sepultada nos areaes fronteiros a Setubal, mas pertencentes ao concelho de Grandola.

Aos curiosos apontaremos, porém, o supplemento ao «Mapa de Portugal», do beneficiado Baptista de Castro; e o «Panorama», de 1840, e a «Revista Popular», onde podem encontrar muito interessantes noticias sobre as escavações realisadas.

Grandola foialeyadaria mór Teve tres companhias de ordenanças com o seu capitão mór. Teve um celloiro commum, para acudir ás necessidades do povo, onde se dava trigo, por emprestimo, para com pequeno juro ser pago na mesma moeda.

A Grandola está reservado um esperancoso futuro com o desenvolvimento de trabalhos nas minas do concelho: a principal, de cobre, a oito kilometros da villa, no monte da Caveira, da serra dos Algarzes, ou de Grandola. Esta serra foi, no tempo dos romanos, minada em grande parte (por tal motivo se chama dos Algarzes. Viterbo diz-nos que *algar* significa concavidade subterranea) havendo razoes para crer que pararam os trabalhos pela queda do imperio romano.

No reinado de D. João V, sendo a mina inspecionada, por peritos, foi encontrada grande quantidade de pedos do tempo dos romanos e extensas galerias, que, em 1861, já se achavam desentalhadas, verificando-se que, em tempos remotos, fora extrahida grande quantidade de prata.

Em 1623 foi concedida a exploração da mina da Caveira a Antonio Vario e de então para cá varias concessões se tem feito. Os trabalhos, porém, até agora realisados, mais se podem chamar de exploração que de lava, isto apesar de haver razoes para considerar a mina bastante rica, e de mais facil exploração do que a de S. Domingos; não se podendo ainda avaliar bem a percentagem do minerio, por isso que é variavel de um para outro jazigo. Parace que os trabalhos vão agora entrar n'um periodo de actividade, sob a direcção de um engenheiro inglez, pensando-se na construcção d'um *travvay*, até ao Sado.

Tem Grandola importantes feiras: de gado suino, todos os domingos dos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro; de gado bovino, uma das mais concorridas do sul do paiz, no ultimo domingo de agosto. O conce-



Uma bornesca



Praça de D. Jorge — Paços do concelho e cadeia



A rua Mourão d'Albuquerque por occasião das festas em homenagem ao major Mourão

tem grande variedade no trajar: saias curtas, de castorina encarnada, ou haeta azul; meias de altos relevos; sapatos atacados, com nastro de côres garridas; chales escuros, traçados de feição a deixar ver as formigas.

Elles, os homens, queimados do sol; chapéus redondos, de largas abas, por vezes enfeitados com cordões ou flores; grossos bordões, em forma de baculo, mostram, nas jaquetas e nas calças, sobrepostos, variados desenhos, recortados em fazenda.

Tem o povo originalidade no dizer: — «*Di um malhão e rasgui a copa.*» Sirvamos de interprete, que o leitor não perecebu por certo: — «*Dei uma queda e rasguei o feto*» «*A casilha revolceu-se na chapada*» «*O carro tombou-se na descida!*»

Originalidade e poesia tem, também Grandola nos nomes dos montes, das herdades, das fontes: Ninho do Corvo, Pedras Alvas, Figueira da Serra, Sesmarias dos Nobres e das Moças, Fonte do Cortiço, Fonte das Norices, Fonte do Chapéu, Ribeira das Casinhas, Verde Aipo, Brejinho do Mourro, Os Mortaes, Outeiro Pellado, Monte das Almas, Agua Ferrenha, Rosariuninho, Paleiro do Cuco, etc.

Tratando de Grandola temos de fallar do sr. José Jacinto Nunes, figura principal, ou conchello. Sobejamente conhecido, não carece de apresentação. Antigo deputado, advogado e jornalista distincto, é o actual presidente da camara, e a quem Grandola muito estima, porque tambem muito lhe deve. Não podendo traçar aqui a sua biographia, diremos apenas que é, para o conchello, um moderno D. Jorge e um dos bons caracteres, que conhecemos. Não o dizemos por lisonja: quem escreve estas linhas, não carece de o lisonjar.

lho cria muito gado e produz, principalmente, cordão, anelle, trigo, centeio, vinho e mel.

O povo tem costumes curiosos. Ao domingo, afflue á villa, descendo da serra, vindo dos mais afastados pontos do conchello. A praça D. Jorge é, então, o *forum* da terra. E'ahi que se fazem as mais variadas queixas ao administrador; que se consultam os medicos; que se dirigem á Camara as petições; é ali tambem que se juntam os *grupos*, e... se concertam os casamentos.

As mulheres, fortes, es-paldadas, não



A Misericórdia e o hospital

Damos á estampa a casa do dr. Nunes, onde elle e suas gentilíssimas filhas, acolhem com fidalgia bizarria, os que visitam Grandola. As photographias são do photographo amador sr. Felizardo Ramos, benquista funcionario do conchello.

JULIO PALMEIRIM.

Louis de Sarran d'Allard

XILUSTRA hoje as paginas do nosso jornal o retrato de um homem que tem consagrado a Portugal as grandes faculdades de estudo de que é dotado. E' um erudito lusitanophilo, que coaehe a fundo os nossos escriptores contemporaneos e que d'elles tem feito um estudo imparcial e com uma justesa de vistas e exactidão a que não estamos costumados, pois geralmente no estrangeiro os não sabem que existimos ou então são d'uma injustiça ou d'uma inexactidão que brada aos ceus.

Sarran d'Allard tem feito sobre os nossos escriptores estudos conscienciosos e de grande valor e a apreciados com muita justesa d'espírito. E' este escriptor francez um dos que mais tem feito a estes ultimos tempos por vulgarisar em França as obras primas da litteratura portugueza.

Com o seu talento apresenta aos estrangeiros os nossos escriptores mais notaveis diz lbe o que é o seu estylo, o que são as suas obras, descreve as, tradus para francez os trechos mais notaveis, conta lbe as evoluções litterarias que se teem dado em Portugal e que os nossos escriptores teem provocado e seguido. Conhece bem a fundo os segredos da nossa lingua, facil lbe tem sido seguir com a leitura o movimento litterario de Portugal.

Por occasião do centenário de Garrett, Sarran d'Allard faza perante a Sociedade Scientifica e Litteraria de Alais uma conferencia, sobre este grande portuguez. Foi tão bem recebido esse trabalho que Allard teve, a pedido dos seus conhecidos de completo o, o que fez apresentando-o depois perante o Congresso das Sociedades Sabias em Toulouse, valendo-lhe elogios de tal ordem que se resolveu a publical o com o titulo de *Garrett e os Romanticos Francezes*, trabalho este que dedicou a Sua Magestade El Rei D. Carlos que se dignou accellal o e elogiou calorosamente o author.

Este trabalho e um outro que depois publicou por occasião do Centenário de Castilho e que intitulo *O visconde de Castilho e os escriptores Francezes*, dedicado a Sua Magestade a Rainha D. Amélia e que a mesma Augusta Senhora gentilmente accellou, agradecendo ao author e elogiando-o, estes dois trabalhos são a prova mais que sufficiente do que acima dixeramos acerca das faculdades de trabalho d'este escriptor francez.

Pena é que não possamos dar aos nossos leitores uma ideia do que



A custodia do Sarranismo



são estes trabalhos, mas não no-lo permitto o espaço de que dispono e a indole do nosso jornal.

A obra d'Allard é enorme e pôde dividir-se em duas partes: 1.ª sciencias: geologia, mineralogia, chimica; 2.ª letras: historia, philologia, heraldica, litteraturas franceza e provençal, litteraturas neo-latinas. Como vêem, os nossos leitores, é d'uma fecundidade enorme este escriptor, verdadeiro polygrapho, e não nos chegaria o espaço para publicarmos a relação das obras por elle publicadas e todas demonstrando uma grande erudição e conhecimento de causa.

Em 1855 dedicou a Sua Magestade a Rainha, um exemplar do seu *Quarto Centenario da Descoberta da America*, e na primeira pagina escreveu um soneto em langue d'or, intitulado *A's duas côrtes de Portugal*, que o distincto escriptor dr. Xavier da Cunha traduziu em verso portuguez.

Como redactor da *Revue du Monde Latin*, advogou sempre a *Ideia latina*, isto é, o culto da litteratura e da musica portuguezas. Traduziu em verso provençaes as *Endeizas* de Camões, que foram publicadas na *Previdência de Amor* de Xavier da Cunha.

Por occasião do centenario da India, encetou uma vigorosa campanha na imprensa franceza a favor de Portugal. Foi secretario do *Comité de la centenaire de la découverte de la route maritime de l'Inde*, creado pela Sociedade Scientifica e Litteraria do Alais, que é uma das raras academias de provincia, «reconhecidas de utilidade publicas». Concorreu para a obra do *Comité dos francezes condecorados com ordens portuguezas*.

Tem publicado no *Courrier de la Loire*, um dos principaes jornaes francezes de provincia, uns artigos sobre Camões, do que citamos aos nossos leitores os seguintes: *As duas epopeias; A epopiea de Luis de Camões; Camões o seu tempo; O poeta de bronze; O centenario de Camões no Instituto de Coimbra, etc., etc.*

Na nossa revista publicou elle em tempo um notavel artigo sobre Castilho, escripto em magnifico portuguez.

Muitos outros artigos sobre assumptos portuguezes tem elle publicado. Elle e Henry Faure são quanto a nós os lusitanophiles que mais tem produzido, que mais se tem occupado da nossa patria, e que tem direito ao nosso sincero e eterno reconhecimento.

Luis de Sarran d'Allard é official da Academia, official da Instrucção Publica (palms d'or), commo-dador da ordem hespanhola de Isabel a Catholica, official da ordem da Coroa, da Roumania; cavalleiro da ordem do Santo Sepulchro de Jerusalem. Tem os seguintes titulos Academicos: Socio da Sociedade Protectora da União dos Estudantes Laticios, socio correspondente do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geographia de Lisboa, da Sociedade Nacional Camoneana do Porto, do Athenaeo Romaeo, da Roumania; socio honorario do Instituto Araldico Italiano, do Roma, etc.

Escreveu varios artigos no *Portugal à l'Exposition*, de Paris, e muitos periodicos portuguezes se tem já occupado d'este nosso biographo.

Agora começo publicando um trabalho sobre Finheiro Chagas, que offereceu ao sr. conselheiro Hintze Ribeiro, e que tem por titulo *Um portuguez emipio a França*, trabalho em que attesta mais uma vez o profundo conhecimento que tem da lingua portugueza e as suas altas qualidades de estudo.



GLORIA

POLPA divina de travoso Anhos, esculpturada em relevos de pensamentos radiosos, em stradivarius dolentes, tremblando a flor do sol, como te vaes angustiada nessa santa e vibrativa nudez, onde as Fórmias pullulam reconcevas e bellas, onde amores circulam nas veias azuladas, grossos cordões de sensibilidade... Para onde vaes, enlorado Lyrio, amargurada Gloria, cheia de exereciantes dores, vibrando essa Lyra sombria de cordas e fibras ardentes, que trituram ossos, que despertam os melancolicos Poetas que vivem no Reino Absorto da Agua intensa, invocando Perfis idealizados, entoando Balladas negras do Destino, em rythmos pausados, canção etherea do sonho, bandolins trementes do Hymnario puro da Vaga Luz da Vida?!

O Visionario vive em ti, vaes seguindo a rôta da tua encenação, rompendo escuras e tenebrosas noites, adorando a tua Graça mystica que aduna Espiritos, como tangendo harpas e gorgoejando heolias da Ambição suprema do Incipiente, desse que, supplice, levanta os olhares tristes, e, em extase, espraia-os por sobre o azulado cantico das Estrellas, por sobre o immenso e imponderavel Templo da Viarctea, num hausto de Emoção e de Anniqilamento, na loucura das grandezas claustraes dos Supplices barbaros da Arte!

Elle segue-te, quer alcançar-te, julga já estar no primeiro degráu da ladeira que conduz até á tua presença, julga mesmo ouvir-te, prelujiando-lhe a sua Ambição unica e suprema. E, sempre acompanhando da Desgraça, encarcerado no seu Eu, Nirvana louco, vaes seguindo os teus passos, cambaixho, como o mendigo nos portaes espectaculosos dos Templos do Nada!

E soluçando, á espera do eterno gozo, hostiario de lagrimas piedosas, envolvido em tedio, hirto ás vezes, vaes nas tuas pégadas, sempre naquelle atroz pensamento de apalpar-te, ter-te ao seu lado,

risonha e meiga, Espinghe consoladóra do Fraco! E em cada ohar da turba Elle vê um prenuncio da sua Ambição, uma prece á tua Formosura, para que o incenses, bondosa consolação das Almas em Trevas! Nesses momentos és para Elle, Gloria, o seu Sonho, a sua Vida, toda um Requiem biblico, divinizada na luminosa estrada do Desgosto!

Em ti Incipiente vê hieroglyphos, symbolos das torvas Siberias, fulvos traços da consagração do Culto, hachianas e tregoas, missões tumulares das mysteriosas naves e capiteis partidos, noites de colossaes duendes, espeitando as scintillações do seu Eu, as incertas e vagas Agonias do seu Espirito, os thalamos e psalmos e risos casquilantes do seu cerebro de fogo! Em ti, Elle perscruta a Vida ambicionada, passada em Insomnias longas a consultar satanicos Baudelaires e sombrios e langorosos Verlaines, a Vida do seu Futuro, immortalizado, adorado pela turba, aclamado pelo prestito uilulante do porvir.

Es o Tantaló que lhe vaes consumindo o coriscante Ideal, Primavera da Luta, De-profundis do misero Eleito!

Elle augura-te, eleva-te preces, e, louco vaes correndo á tua procura, formulando planos para a tua conquista, balbuciando funereas orações de lagrimas!

Sempre como o ohar nas tuas pupilas negras, nos teus tumidos seios, que só guardam e aninham genios, onde soluçam os Petrar-chas, onde as carnes fulgem num fulgor astral, tremilhante, mysticos florestaes de beijos, seductora Graça das Esperanças, Gilios de alabastro, sepulturas interminas dos resuscitados. Ella espera o seu momento, a sua Gloria!

Nos teus menores movimentos, no sorriso que mostras, no menor meneio que faça esse teu corpo de alvo marfim lascinador, um gesto teu, Elle vê a fagulha que te acena a ti, vê a significação do teu brado, altisonante, que para Elle é o restaurador balsamo: — Prosegue, prosegue...

E lá vaes, quebrantado ou ardente, fortalecido naquelle subtil e imaginoso encorajamento, folheando tudo, immiscuindo-se nas assombrosas paginas fatiscaes das legiões que si se foram, transformadas hoje em Mumias, transfiguradas hoje em Silhetas dos Vinci, de toda essa phalange glorificada de cerebros de ouro!

Quando para o pobre surges, e Elle pensa apalpar-te, violenta e inflexivel, muda na raiva da encenação do teu supplicio brilhante de Mãe dos que já chegaram ao ultimo degráu, dos que já galgaram a torturosa estrada da Fama, Elle doce, genuflexo, implora a tua compaixão, dialoga com a tua bondade, e, de mãos postas, subjugado, lança-te olhares, psalmodiando occultas e imaginativas oblatas de um mysto de medo e de fraqueza. E quando pelos cornetins dos palhaços satanicos, numa voz de faldete, lhes manda um sopro imperceptivel de alento, Elle, abnegado, crente em alcançar-te, em possuir-te, corre ao Santuario da Luz, compulsa os infolios enumeraveis que dormem circundados de poeira e num hausto de alegria, na névrose sublime, medonhamente louco, exclama: — Gloria! Gloria! Gloria! Gloria!...

Esse é o Torturado que te segue, o Iluminado que te procura, o Incipiente que adora!

Marçalho.

FRANCISCO SERRA.



Entre os povos, como entre os individuos, a amizade nasce muitas vezes do contraste de caracteres e mantem-se pelo accordo dos interesses.

Dois coisas igualmente perigosas: uma faca nas mãos de um doido, e uma ideia justa na cabeça d'um tolo.

Hoje já se não tem paixões, têm-se appetites. A paixão deixava atrás de si a saudade d'uma commoção. O appetite só deixa a vergonha de ter tido.

A mulher nunca pode ser republicana, oppõe-se-lhe a sua indole. Só comprehende a escravidão ou a realceza.

CHRONICAS DE MARINHA

A nau de Gaspar de Lemos

O MAR, o navio, o marinheiro foi sempre de tanta influencia na vida das nações, que com facilidade ganhou a sympathia dos povos, e despertou os desejos de desvendar os seus mysterios, de registar com curiosidade as viagens, os descobrimentos, os combates, o modo de viver e de sentir dos destemidos navegantes.

Pater omnia rerum chamaram os antigos ao mar, gratos aos seus immensos beneficios, e hoje, após longos seculos decorridos, ainda não perdeu de conceito e valimento, e confirmado está o aphorismo: quem impera no mar domina a terra.

E como symbolo de tamanha magestade, fulgido argumento a attestar sua nobreza, poetas e publicistas convencionaram condensar tanto esplendor e poderio no tridente de Neptuno, a quem sem embargo da vã mythologia, convictos do seu enorme predomínio, reconheceram como sendo o sceptro do mundo, sem haver quem lha dispute a realçã.

Para nós os portuguezes é o oceano de muito mór valia.

Filhos d'esta orla de praia entalhada entre os serros de Hespanha, e as vagas rumorosas, o mar acalentou os nossos sonhos infantis, e com as suas iras e branduras, com as suas tempestades e bonanças gradualmente nos foi formando o espirito e aguerrido o animo, para lhe devermos honrados titulos de gloria ganhos a saltar as suas ondas, a desvendar escondidas regiões.

Devemos-lhe illustres pergaminhos d'uma historia gloriosa do passado, poema intemerato escripto pelas quilhas por sobre as suas aguas caprichosas. Por seu beneficio, legado d'esses dias relembrados, memoria dos feitos dos honrados avoengos, ainda nas colonias — restos d'essas conquistas celebradas — se firmam arrogantes esteios da nossa independencia e liberdade no presente, esperanças de prosperidades, estímulos para a lucta, tradições herdadas do patrio honrado nome esgrimaldando festivamente uns dias felizes do porvir.

A alma portugueza vibra de gratidão e sympathia ao recordar as suas batalhas com as ondas. Mais do que para

qualquer outro povo, é para nós o mar um velho amigo, cuja influencia protectora foi sempre fonte perenne de heroicidade e de renome.

Justificado está pois o titulo d'esta secção litteraria, que por amavel convite da redacção do *Brasil-Portugal*, hoje nos cabe a honra de modestamente inaugurar. Nas hospitaleiras terras de Santa-Cruz encontrará ebo nos corações portuguezes, que longe da patria melhor sabem sentir saudades, e vibrar accordes com os de seus irmãos d'aquem-mar, em tudo, que possa glorificar a nossa terra.

Em tempos que vão longe, escreveu o auctor d'estas linhas, no primeiro livro com que tentou o mar da publicidade, o periodo seguinte, que vem adrede para justificar o seu intento.

«Escrever a historia da marinha portugueza seria desenvolver em largos capitulos a historia de Portugal, tão intimamente ligadas estão as suas glorias á vida dos seus navios e marinheiros, cujos feitos foram escriptos pelas cavalleis sinerando denodadas por mares desconhecidos em onzados descobrimentos, ou gravados com os pelouros da artilheria das fustas e galéões nos muros das cidades inimigas, tornando victoriosa e respeitada a bandeira nacional até ás mais remotas partes do Oriente.»

Não é pois um compendio de historia, que vae ler-se, mas sim uma ou outra pagina separada d'esse immenso repatorio, folha colhida ao acaso, uma ou outra flor modestissima separada da coroa triumphal, que como trophée se encastella no panteon da historia em honra das quinas portuguezas.

Assim como no ar balsamico da terra americana rescedem aromas da floresta virgen, trazidas nas azas da brisa ao navio, que ao longe no mar largo se inclina ao esforço das enfunadas velas demandando a plaga apeteida; assim, seja uma recordação da primeira nau, que do Brasil veio a Portugal, quem nos traga no assumpto d'estas linhas, uma grata lembrança das primeiras novas d'essa região abençoada.

A um manuscrito da bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa fomos estudar o modelo para nos servir de guia no desenho, que fizemos.

É a nau de Gaspar de Lemos, a qual não sendo calçada sobre a aguarella original de nill e quinhentos, tem contudo certo o aspecto e as ininicias d'aquelle barco aventureiro.

Reproduzida a estampa no roteiro *De sita orbis* de Esmeraldo, publicado por occasião do centenário colomboino, uma legenda em letra do tempo nos diz qual o titulo porque mereceu inserer-se nas lendas da marinha. Diz assim, e tanto basta para lhe fazer o elogio: *Le Santa Cruz terra do Brasil, tornou a Portugal com a nova do descobrimento d'ella.*

Capitão d'uma nau era Gaspar de Lemos um marinheiro destemido. Sem figurar no primeiro plano dos mestres de astrolábio e cartear, nem celebre por qualquer empreza belliosa, era um habil marítimo, e o seu nome passou á immortalidade mercê da grata missão, que desempenhou o seu navio.

As ordens de Pedro Alvares Cabral navegava na primeira frota, que em tom de guerra devia passar á India, depois da afortunada rota do descobrimento da carreira da Asia pelo caminho do Cabo das Tormentas. Coubera-lhe em sorte a nau dos mantimentos, barco de pequena tonnellagem, ainda que de feição semelhante aos de mais porte; e descarregadas as vitualhas para as outras naus regressaria ao porto d'armamento, ou seguiria na derrota a buscar especieira, correndo os perigos d'aquella campanha aventureira, conforme fossem as ordens do capitão-mór d'aquella armada.

A 22 d'abril de 1500 Alvares Cabral encontrou pela proa a costa do Brasil, e maravilhado pelo esplendido aspecto do ceu, e do solo fero-

cissimo resolve dias depois separar um navio da sua esquadra, e por elle mandar a D. Manoel, o *venturoso*, a nova e os emboras por tão feliz descobrimento.

Foi a nau de Gaspar de Lemos a preferida.

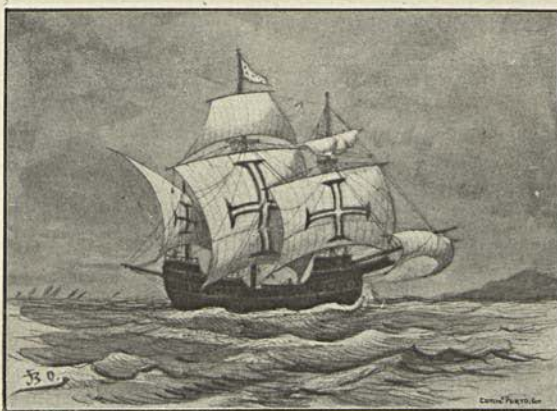
Estamos a 2 de maio de 1500 em Porto Seguro, na ilha de Vera-Cruz como diz Pero Vaz de Caminha na carta, que d'alli dirigiu á Magestade. Refúgio o sol illuminando a praia, e os copados arvoredos do recurvado litoral. Recorda-se no azul do firmamento o monte Paschoal, primeira mostra e conhecida para demandar aquelle porto. Destaca-se projectada sobre a mancha verde-escura da floresta a cruz arvorada na riba da bahia. Vae no porto uma faina magestosa. Doze navios da frota portugueza de velas desfraldadas, levam d'ancoras, e manobram largando do tranquillo ancoradouro.

Tremullam nos mastros as fagulhas, pendões, e galhardetes, e os gritos de *bôa viagem* em calorosa celebração trocam-se entre as naus e cavalleis, que vão afrontar o gigante Adamastor, a a pequena navesta, que a fortuna designou para seguir a caminho de Lisboa.

Já fora da barra ainda mais uma vez os brados de *bôa viagem* reboum no concavo das velas enfunadas. Aos que seguem a derrota do sul, que de mysterios e de incertezas lhe reservará a sorte, quantos tormentos, quantos danos, quantas vezes a morte aperecida; e na que segue garbosa para o norte, de mezona, evadida, papafagos e traquetes mareados, — na que vae regressar ao patrio Tejo — como para ella em vão os olhos se alongavam, que de saudades e benções a seguíam.

Bôa viagem! Boa viagem praça a Deus!

Assim bradavam companhias e capitães acenando com os barretes vermelhos, e escrores gorros de veludo. Lagrimas de commoção, grossas como punhos, correndo-lhe a despeito pelas faces traduziam o intimo sentir d'aquelles simples e heroicos mareantes, e a breve trecho nas brumas do horizonte iam pouco a pouco desaparecendo os cascos, os



A nau de Gaspar de Lemos

(Desenho de João Braz d'Almeida)

olhos, vêr o *hyphen* transformado em *ife* e o *lichen* em *lique* ou *like*, para maior gloria da belleza d'esta nossa pobre lingua.

Ratices e extravagancias têm tido até os nossos mais puros escriptores, encontrando-se em Herculano a ligação hybrida de um verbo e de uma preposição na forma *hade*, que fez acreditar nos libeotas na existencia do verbo *hader*, com a segunda pessoa *hades* e a terceira, *hadem*. Este *hade*, que estava a pedir um *tende* e um *haverdade*, foi por outros scindido, mas sem completa independencia, ficando entre as duas palavras o cordão umbilical do *hyphen*; entretanto *hade* de não tem logica, enquanto se não adoptar o *ten de*, o *havam de* e outras coisas que taes.

Que se ficou pegado e solidamente pegado foi o artigo, precedido das preposições *a* e *de*, da phantastica preposição *no*, metemorphose pouco explicavel do *em*, e ainda da preposição *por* ou *per*, que, por antithese, faz *pele*, como as outras fazem *no*, *da*, *ao* e *á*, fundindo-se aqui a preposição com o artigo.

Pois d'estas caprichosas ligações de coisas heterogeneas se quer tirar argumento justificativo para outras muito menos justificaveis, como *nellas*, *disto*, *deste* e *dum*, que até faz lembrar as mortíferas balas da infantaria ingleza. *Dum*? Mas então porque não tambem *doito* e *donez*? porque não tambem *cum*, *sobrum*, *antum*? e o tudo é permitido ligar, venha o *sobrio*, *antella*, *entrelta*, *dolma*, *daujo* e liguem-se tambem todas as preposições, que o *por*, o *com* e outras da familia não são entendidas para só serem filhas a *de* e a *n*, essa que já foi escripta com o apostropho atrás, com o apostropho adiante, e até com dois apostrophos, um atrás e outro adiante, que davam á pobre leira o aspecto de uma cabuchinha de carueto.

Que os modernos reformadores, valha a verdade, não andam menos empenhados em adornar as vogaes, pondo lhes, por dá cá aquella palha, o acento agudo, que faz effeito da garrocha em pescoço de touro, ou o circumflexo que dá o effeito do chapéo armado de arceiro em dia de prociasso.

Que diacho de mania! As linguas que se querem sifmar e vulgarizar prescindiram d'esses enfeites de cabeça. Não os tem o allemão, não os tem o inglez, não os tem o hollandez; é sobrio d'elles o italiano, e não muito prodigo o espanhol.

Pois nós andamos a namorar esses arrebiques, que são o demonio negro da lingua franceza, mais facil de falar scrivermente do que de escrever de maneira intelligivel, graças á complicação dos acentos e ás confusões que da sua froca podem advir.

Tudo isto porém e mais mizêzias é nada em face da transformação, a que querem obrigar a nossa nacionalidade.

Já não somos portugueses, com *s*, como nasceram e como desde tempos immemoriaes temo sido. Agora querem que sejamos portugueses, com um *e* de chapéo armado, e um *s*; indo já uma confusão diabolica entre o honrado baehoeiro, que usa o patronimico Marques, e o fidalgo que tem um marquezado.

Faz-me esta extravagancia lembrar outra, que aconteceu no meu tempo de Coimbra, quando o titulo de marquez foi dado ao filho segundo da casa Palmella. Foi o caso que o carteiro, que até abt lhe annunciava a correspondencia com a designação de D. Francisco de Sousa, engulindo o Holstein, por o não saber pronunciar, desde que o rapas recebeu o titulo, nunca mais lhe chamou senão Marques de Sousa, com grande desespero dos aulicos do novo titular, que ria do disparate.

Ora promoveo a marquezes todos quanto usam o patrimonio de Marques é breve e curta fanfanha da orthographia, que, como se diz na *Magnificat* exalta as milhas, e abate os sobornos, reduzindo a Marques todos os titulares de um dos mais altos graus nobiliarchicos; mas transmudando o nosso qualificativo patrio isso é *suaucta*, que não pôde ser permitida á reformation orthographica.

Ainda quando novecentas noventa e nove rãzes de peso houvesse para a correção, uma se lhes antepunha e era superior a todas.

Os portuguezes ao sul do Occidente,
Imos buscando nas partes do Oriente,

disse Camões, que tambem, apostrophando os seus compatriotas, lhes chamou:

Vós portuguezes, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesaes.

Com *s* nos deu a sagrada chrisma o grande épico, que consubstancia nos seus versos o amor da patria; com *s* lhes verberou á ingrãtido o poema de Garrett:

E tu dirás a ingratos portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a patria,

e mais ao longe, e no ultimo brado de indignação:

Onde jaz, portuguezes, o moimento,
Que do immortal cantor as cinzas guarda?

Com *s* foram portuguezes successivas gerações de homens illustres e sabios, que deixaram nome glorioso na historia; e com *t* na nação portugueza atravessado honra á sua existencia.

Ha coisas com que se não brinca, nem sequer em nome da coherencia orthographica, que será assumpto muito sério e grave, mas que não tem o direito de bulir com o que fere o sentimento nacional; e fio que a imprensa, essa grande força, deixando embora correr á solta todos os caprichos dos Lutheros e Calvinos da orthographia, não deixará que se modifique, seja no que fór, a nacionalidade portugueza.

E por mim, poeto que obcecissimo, como portuguez me baptisei, e quero morrer portuguez com *s*, como Herculano, Garrett, Castillo, Sampolo, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, Mendes Leal, e tantos outros portuguezes notabilissimos.

O resto são fraudalagens, que não augmentam nem diminuem o esplendor da litteratura patria, nem tornam mais ou menos intelligiveis os seus gloriosos cultores; e não me lembro que homem notavel disse ou escreveu que, sendo impossivel unificar a nossa orthographia, o melhor era aproveitar a variedade para realce e elegancia da dicção; recordando-me bem que um gentil espirito me demonstrou com muito e graciosos argumentos que se devia dizer *dois annos* e *dous annos*... para distinctur.

Se um dia ainda em minha vida fór decretada officalmente qualquer reforma, com saneção penal, como já vi alvitrar, peço que no diploma se insira um parographo, a dizer que são dispensados da obediencia aos novos preceitos os velhos de mais de sessenta annos, por aquella regra que diz que... já não aprendem lingua.

A. M. da Cunha Bellem.

Raphael Peixinho



DESDE o anno de 1850 que o nome dos Peixinhos figura nos cartazes de corridas de touros, sempre com geral agrado e approvação dos *aficionados*, que hoje, concedendo ao unico sobrevivente dos artistas d'este nome a sua amizade e protecção, prestam assim culto á memoria dos dois distinctos toureiros que a muito são recordados com saudade.

Raphael vem compartilhando ha 20 annos das ovacões que o publico proporciona sempre aos seus collegas que modernamente entraram no restricto grupo dos toureiros de 1.^a ordem, tendo feito a sua estreia em 15 de setembro de 1876 n'uma corrida de vacas bravas na praça da Moita.

Depois, sempre acompanhado de seu primo e tio, pisou as arenas das principaes praças portuguezas, indo depois do fallecimento do segundo d'aquelles seus parentes a Badajoz, onde bandarilhou, a pedido de varios amigos, *toros de puntas*. A primeira vez que isto succedeu foi em 1889, sendo apresentado á auctoridade que presidia o espectáculo pelo eminente diestro de Elgoibar (Guispocoa), o primoroso matador de touros D. Luiz Mazzantini.

N'esta tarde, Raphael, não obstante a sua baixa estatura e obesidade, *cuarteou-se* esplendidamente com um formidavel touro de hastes aceradas, e collocou-lhe um soberbo par.

A segunda tourada em que alli entrou foi em 1893, e para que os nossos leitores apreciem o seu trabalho vamos transcrever do jornal hespanhol *La Región Extremeña* parte d'uma noticia que por certo foi escripta pelo *aficionado* escriptor de Badajoz, D. Luiz Montalban:

«Disceado por nuestro particular amigo D. Eduardo Roas, hemos tenido el gusto de ver en su establecimiento de la calle de la Soledad, la cabeza del toro de donia Ceia Fontfired, que se lidió en tercer lugar en la corrida de 15 de agosto y que banderilló con tres pares regulares al cuarteo el celebre y simpatico banderillero portugués Rafael Rodriguez Peixinho.

Aquel toro fué uno de los mejores que salieron. y si no hubiera llegado á las banderillas tan aplomado por el abuso que hicieron con él en la suerte de puyas hubieramos visto a Peixinho, que es uno de los mejores banderilleros que hoy hay en Portugal, lucir todo lo que hace cuando banderillea toros con facultades.»

Vamos terminar esta meia duzia de linhas não sem antes dizer que nas festas artisticas d'este bandarilheiro, que sempre são organisadas com elementos de valor e com o concurso dos seus collegas, todos os seus amigos se dão *rendez-vous* arrojando-lhe innumerables flores e valiosos presentes, que o nosso biographado recebe emocionado talvez recordando-se dos dois extinctos, que por assim dizer o levaram pela mão fã difficil senda da arte.

Egydio d'Almeida.

MODAS

Vestido de passeio

Fig. 1



Fig. 1

Vestido de passeio

um fundo de seda branca.

Gola alta, branca, em pregas.

Chapéu em randa de palha murie com pluma castanha e laço de fita azul pallido.

Vestido para casa

Fig. 2

De fôrma Imperio, em foulard Liberty creme com pintas vermelhas.

Tanto atrás como adiante, este vestido é cortado a direito mas sufficientemente em fôrma, para dar a largura precisa á saia. Tem tres machos nas costas e tres no peito. Aos lados tem costuras formando ligeiramente a cintura e dissimuladas por dois machos. Fecha no hombro e ao lado esquerdo, sendo tambem dissimulada por um macho essa abertura.

Uma larga fita de velludo preto, á altura do peito, atravessa os machos e ao lado esquerdo, terminando á esquerda por um laço de pontas muito compridas. Gola alta creme, coberta de randa e manga curta elegantemente guarnecida de randa.

Uma estreita *broderie* em seda vermelha guarnece a saia em duas voltas.

Canotier Simone

Fig. 3

Em palha vermelha entrançada. Em volta da capa uma fita vermelha e ao lado como unica guarnição um laço original em fita ou seda preta com pintas encarnadas.



Fig. 4

Vestido de campo

Este laço atravessa a aba e cae elegantemente sobre o cabello.

Vestido de campo

Fig. 4

Muito leve e muito fresco é elegantissimo para senhora nova este vestido de linho escarlate salpicado de flores.

A saia cortada em fôrma tem a guarnecel a tres folhos quasi lisos. O corpo largo e direito, em fôrma de blusa, tem apenas costuras nos lados e abre em diagonal á esquerda. É guarnecido por uma elegante banda dupla que, estreitando, vem terminar na cintura. *Plastrons* com gola alta em linho branco, todo pregueado e laço de seda preta a rematar. Manga larga abrindo sobre um tufo de linho branco pregueado e cinto alto em seda preta ou escarlate. Uma bonita *toilette* em flores completa esta deliciosa *toilette*.

Vestido de baile

Fig. 5

Genero Imperio, em vetim branco. Cortado ao feitiço do corpo, todo inteiro, quasi justo.

Do decote nasce atrás um macho fundo que cae livremente de sítio a baixo, dando roda á saia. Sobre este macho, um laço de fita larga cujas pontas vem cair na extremidade da cauda. Pequenas mangas de baílo



Fig. 2

Vestido para casa



Fig. 3

Canotier Simone

feitas de *tulle* branco e de vizes de setim. Grinaldas de rosas brancas guarnecem o decote e caem graciosamente sobre o lado direito do peito.

É este um vestido muito elegante e que tem causado verdadeira sensação nos ultimos bailes parisienses.



Fig. 5

Vestido de baile

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora.
Largo do Conde Barão, 50

Platinas suplementares: Ollé & Ezequiel Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Diretoras

Augusto de Castello, Jayms Victor, Lorjé Tavares

Editor — Luis Antonio Sanchez

Redação e administração — Rua do S. Roque, 125
Esd. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	Moeda brasileira.....	ANNO.....	Moeda.....
Numero avulso.....	Moeda.....	6 mezes.....	Moeda.....
		Numero avulso.....	Moeda.....

SUMMARIO

Oscar da Silva — SANTOS TAVARES.
Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
Adepero novo de rimas velhas — MANUEL DUARTE
D'ALMEIDA.
Historia do batel vae com Deus — RAUL BRANDÃO.
Primeiro remorio — CELESTINO DAVID.
Grandola — JULIO PALMEIRIM.
Lous Sarran d'Alard.
Gloria — FRANCISCO PENA.
Chronica de marinha — A nau de Gaspar de Le-
mos — JOAO BRAZ D'OLIVEIRA.
Caprichos orthographicos — A. M. da CUNHA BEL-
LEM.
Raphael Peixinho — EGYDIO D'ALMEIDA.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Erratas.
A lente do sr. Pires — (Conto mudo).
A Vaga — V. LARA.
A pegunha morta — Versos de M. RUCCA.
Uma sessão de espiritismo — (Conto mudo).
Agricultura — A poda viva.
Capas para o «Brasil-Portugal».
Cartas da Quinzena.
O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticiosa).

32 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — (Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodorico Pupo de Moraes e José Martins Polio, Rua da Afandega, 4, sobrado).
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
PARA — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 56.
MANGABE — Jayme & Camara — Livraria Classica — Rua Guilhermes Moraes.
MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.º
GRANJA — Baltes Torres & C.º
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães — Rua Direita do Palácio, 28).
PILOTAR — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
BOBTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).

RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.
MOÇAMBIQUE — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUELEMBE — Henrique Jorge de F. Neves.
BENGUELLA — Mathias & T. Vares.
LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Haitor da Silveira de Lorenna.
BOLAMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da Silva Roman, Thezourario geral da Provincia.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

EVORA. — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Rua da Ladela, 18.
BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA — Oana, Amara & Com.ºº
COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-1.
CARVALHO BRANCO — Pedro Augusto Passos.
BRANCO — Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
S. I. COBAÇA — José Narciso da Costa.
PORTAL EGRE — Domingos da Guerra Onda.
LEIRIA — Manuel Pereira Dias.
VIANNA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.
VIANNA DO CASTILHO — J. B. Domingues.
CORUHA — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FARO — Maya & Viqueiro.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 14.

A LENTE DO SR. PIRES

OU

UMA LENTE INCENDIARIA

(CONTO MUDO)



I



II



III

ERRATAS

O artigo *Penteados femininos*, publicado no n.º 59 d'esta Revista, sahio com alguns erros, devidos a lapso de revisão.

Em pag. 169, columna 2.ª, lin. 8.ª, veio «preceitos» em lugar de «preciosos.» Em lin. 14.ª, veio «stranças» em lugar de «stracas».

Na columna 2.ª, lin. 3.ª, veio «Alphonse Karr» em lugar de «Alphonse Karr.» Em lin. 5.ª veio «Celinéme» em lugar de «Celméme.» Em lin. 10.ª veio «Sethsábé» em lugar de «Bethsábé.» Em lin. 50.ª veio «fiavans» em lugar de «fiavans.» Em lin. 53.ª veio «Hybla» em lugar de «Hybla.»

Em pag. 170, columna 1.ª, lin. 44.ª, veio «reunire» em lugar de «reunir.»

Na columna 3.ª, lin. 2.ª, veio «modern-stylos» em lugar de «modern-styles.»

— E' uma vergoalha, manina, consinteres que
aquelle francez te desse um beijo! —
— O' mamé, eu não queria!
— Então porque não ho' disseste?
— Porque eu não sei frances!

Conselho d'Amigo...
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

A VAGA

UMA Sessão DE ESPIRITISMO

(Conto mudo)

Eil-a que vem... Simples esboço, apenas perceptível no horizonte, agora treme, bamboê, ondula, como se ebulição interna movesse o seu degrão crystallino.

Preludios do teu amor... Nascendo n'um bosquejo desmaiado, pequenino, manso, de uma forma indecisa, vacillante e tímido como a longuica vaga.

Eil-a que augmenta... Vertiginosamente dobra, desdobra as rendas peroladas, líquidas, e rebrilha ao sol os flocos alvinites como o rebanho de cordeiros brancos que desciam dos montes de Galaad.

E cresce e cresce. Já passa o nível commum, accentua-se, espadaña, flutua, e alterosa ergue-se entre todas a mais bella, a mais poderosa, a mais bravisa.

E corre e corre... Abaixa-se submissa, molle, lassa... Encontra um paradeiro, o desanimo quebra-lhe a força. Que importa o obstaculo? Que valem penhascos a rasgarem-lhe os seios? O mar é como a vida, e a vida sem tropeços é destituida de encantos.

De repente gaspa, afana, sentindo que d'isso depende o seu destino, recupera o valor, esbata-se, bsnha o negro penhasco, levanta o dorso herculeo, encrespada a flamea cabelleira e sacudindo-a como trophéo plumoso transpõe o acolcho que lazia vacillar.

Adianta-se valorosa... Brita, espadaça o que se lhe oppõe, atráe e fascina.

Vem a mim, fulgurante! vem a mim querida! Chega-se mais e mais. Debrucha-se e rola. Resôa a meus ouvidos n'um embate fortissimo a celeuma da chegada como um hymno de victoria.

Espraia-se, sobe, boija-me. Tenho frio, cruso os braços e alvinho que o seu recuar deve ser terrível. E não posso fugir, que essa caricia gelando-me o sangue, estatifica-me de susto.

Eil-a que volta! Arrasta-me, envolve-me, e n'um soffrimento delicioso, sinto-me morrer asphixiada, premiada, n'esses braços immensos como o teu amor, esmagadores como os mais duros ciúmes, fortes como os indissolúveis laços que prendem á tua a minha alma infinitamente apaixonada.

Pernambuco.

V. DE LARA.

A PEQUENINA MORTA

Era branco como a neve
O seu caixão pequenito,
Tam pequenito, tam breve,
Que outro não vi mais bonito;
Nem mais branco, nem mais leve.

Nesse cofre d'ensantar
Vi-a linda, adormecida,
Ir, p'ra sempre, a repousar,
— Como perola escondida
Em alva concha do mar.

Ninguem deite em torno ovir
Nem de pomba um dôce arrullo,
Nem d'uma abelha o zumbir;
Só porque as viste m'as
Oh, não lhe feches barulho,
Deixae-a dormir... dormir...

Teu choro, o pae, é baldado!
— Choras tu as phili m'as
Só porque as viste um bocado,
Em demanda das estr'ellas,
No beiral do teu telhado?

Mas bem calculo o estorror
Des angustias que um pae soffre,
E pergunto ao teu amor
Se em tam pequenino cofre
Não pôde ir tamanha dor!

Era branco, um nenútar,
O caixões to, a guardia
Em que a vi a repousar,
— Como perola escondida
Em alva concha do mar!



— Silêncio!... O espirito vai responder... Sinto-o... Espirito, estás lá?...



... E estava.

AGRICULTURA CAPAS PARA O BRASIL-PORTUGAL

A PÓDA VIVA

Uma operação que, n'esta quadra, deve merecer toda a attenção é, além do tratamento das doenças, a póda viva, quer na vinha quer no pomar, mas é preciso que se não faça nos dias em que se realisa a fecundação e a alimpa do bago, para não perturbar esta operação tão essencial na vida das plantas.

A póda viva ou em verde torna-se tanto mais necessaria, quanto mais regular for a póda de inverno, para conservar á planta, videira ou arvore de fructo, a fôrma definida que se quizer dar.

Para conseguir este fim não se deixam desenvolver ramos adventivos ou que nascam fora do logar, que lhes estava destinado, salvo se algum d'estes falhar e puder ser substituído, descobriam-se ou capam-se os ramos que, pelo seu vigor, excedam os outros, façam perder a symetria e desequilibrem a arvore, e por ultimo desbastam-se os fructos, quando e onde se accumularem pois mais vale um só fructo bem desenvolvido, um pecego, pera ou cacho de uva de mesa bem perfeito e desenvolvido, do que tres defectuosos.

A empresa encarrega-se de fornecer aos srs. assignantes do **Brasil-Portugal** capas elegantes e simples, para encadernação do 1.º e do 2.º anno da Revista, ao preço de 800 réis cada capa; e sendo a encadernação por conta da empresa, 14200 réis cada volume.

Tambem se encarrega de encadernações de luxo a varias côres, por preços moderados.

No Brasil custa cada capa réis 52000.

Os pedidos podem ser dirigidos a esta administração ou ás agencias do **Brasil-Portugal**.

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos. — Sabe-se já que o director da orchestra, na primeira época, será o celebre maestro Luiz Mancinelli e que o tenor para interpretar as operas de Wagner será o applaudido Bourgatti, hoje affamado cantor da musica wagneriana.

D. Maria. — Para dirigir a sociedade artistica, no proximo anno, foi eleito gerente o actor Ferreira da Silva e thesoureiro o actor Carlos Posser. Houve *choucrôis*, portanto, porque na época que findou esses cargos eram desempenhados o primeiro pelo segundo, e este pelo primeiro.

D. Amelia. — Está fechado, mas para as recitas do proximo inverno da companhia Rossa & Brazão, annuncia-se já duas peças novas: *La*

Course de Flambeau, de Henriem, traduzida por Accacio Antunes. *La Femme* de Alfredo Capus, e *Deux Vierges*, de Prevost, repertorio artistico.

Trindade. — Na companhia de zarzuela, esta quinzena, houve de notavel a substituição da tipte. A *señorita Gonzalez*, a *portuguezinha*, sahio; e em lugar d'ella vae entrar a sr.^a Isabel Lopez, que se diz debutar d'aqui a tres ou quatro noites.

Rua dos Condes. — Deu uma nova opereta portugueza, musica de Dias Costa e letra de Esculapio. *O Boneco*, parodia d'opereta franceza *La Poupée*, que ainda ha poucos mezes ouvimos no theatro de D. Amelia cantada pela genil Mariette Sully. Agraduo. Está escripta com muita graça e a musica é viva e scintillante. No 3.^o acto, ha uma parodia d'*Alma minha genti que te partiste*, de Camões.

Essa alma é uma chizura,

Tão cedo d'este fires descontente!...

Avenida. — Está definitivamente marcada para a noite de 19, a primeira representação da magica *Calo da cançôra*, cuja distribuição deemos já no numero anterior.

Colyseu dos Secretos. — Terminou hontem a opera lyrica, depois de ter dado nas

ultimas noites a audição da opera portugueza de Oscar da Silva, Julio Dantas, *Dona Meçia*, novella lyrica do seculo XIII, officada pelo maestro a Sua Magestade a Rainha D. Amelia, como demonstração de sincero reconhecimento.

Os versos de Dantas foram traduzidos em italiano pelos sr. dr. Buonaventura e Cesar Mirée. A distribuição da opera foi esta:

Doña Meçia, filha do senhor de Byscia.....	Dolores Arroyo
Froile, cunheira.....	Adella Gasull.
Picandon, segred da côrte.....	Luigi Ceccarelli.
D Alvaro Pires de Castro, grande senhor portuguez.....	Emilio Cabello.
D Lopo Dias, senhor de Byscia.....	Manuel Landella.
Um escudeiro.....	Giovanni Soldá.
Um homem d'armas.....	Francisco Lorenzana.
Outro homem d'armas.....	

Cunheiras, homens d'armas, cavalleiros, escudeiros, pagens, bucellarios, charameleiros, etc., etc. Cêro de ambos os sexos.

A acción passava-se no primeiro acto nos paços do senhor de Byscia; o segundo em Paredes de Nava, fronteira portugueza. Epoca 1200

A opera agradou muito.

O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

A VIAGEM REAL

Volaram da sua viagem ás ilhas o Rei e a Rainha de Portugal e no seu regresso á côrte encontraram da parte do povo da capital o mesmo entusiasmo que haviam manifestado, ao vel-os pela primeira vez, os habitantes das ilhas portuguezas. O mesmo entusiasmo dizemos, e não nos arrependemos porque se não foi tão ruidoso como nas ilhas foi pelo menos tão sincero. E não podia ser ruidoso como foi o acolhimento que Suas Magestades tiveram nas ilhas, onde nunca soberano portuguez reinante havia posto pé. Lisboa vive com Suas Magestades, sente com ellas, as suas alegrias são as d'ellas, as suas tristezas as mesmas. D'ahi a diversidade do grau de entusiasmo de um povo para o outro. Lisboa acolhia quem lhe pertence por direito proprio. As ilhas saudavam os seus reaes hospedes. E saudavam-os delirantemente, de forma a transformar a viagem regia em um completo triumpho, como ja tivemos ensajo de assignalar.

No Foyal

No ultimo numero haviamos deixado o leitor na Horta quando se realisava o jantar official no Paço. E lá que os vamos buscar agora para os conduzir ao logar das Capellinhas, pittoresco o mais possivel, distante da cidade, uns 25 kilometros. Atravessaram os Reis umas poucas de povoações e é difficil dizer qual d'ellas se esmeou em entusiasmo e galanteria. Por toda a parte onde passaram, os soberanos encontraram o mesmo amor, as mesmas ovações, os mesmos applausos. Deixamos proposadamente no escuro as allucções e os discursos porque esses são parte obrigante de todos os festejos officiaes, mas queremos pôr bem em relevo, as espontaneas saudações que os povos lhes fizeram. Essas sim, essas são sinceras e não miram nem a uma commenda, nem a um titulo. Partem da alma pu-

ral e boa de um povo generoso e patriótico, o qual, na simplicidade do seu entusiasmo acolhe com calor os representantes da velha monarchia tradicional, penhor de liberdade e de ventura.

Os Reis encontraram na Horta um companheiro de D. Pedro IV, o fundador da monarchia liberal e isto equivale dizer: quanta alegria, quanta recordação saudosa se não invocou durante o largo colloquio do monarcha portuguez com o glorioso veterano da liberdade! Em um logar denominado o Areeiro, houve depois uma festa popular muito caracteristica, com danças e d'escanteos pittorescos, cheios de novidades.

Foi á mesma noite, ás 10 horas, que os Reis embarcaram para a Terceira. A despedida foi saudosa e ruidosa como o fira no Funchal, e como vão ver, o será tambem em Angra e Ponta Delgada, porque as ilhas rivalisam no entusiasmo com que recebem os seus Reis.

Na Terceira

Em Angra do Heroismo, chegaram Suas Magestades, depois de um ligeiro contratempo que muito os deve ter contrariado, a bravura do mar não ter permitido que o cruzador *D. Carlos*, apesar de repetidas tentativas, podesse approximar-se da Graciosa. Ainda assim, alguns barcos vieram até junto do *D. Carlos*, ali recebeu El-Rei os cumprimentos das autoridades, mas seguiu-se o rumo de Angra, onde ás 5 horas da tarde se desembarcava no meio do maior entusiasmo Ovação extraordinaria e bem esportada, do caes á Sé, da Sé ao Paço do Paço depois pelas ruas, em toda a parte onde appareciam. A commoção dos soberanos era visivel e comprehendia-se bem. O aspecto da cidade é lindo, e o tom de festa que lhe imprimia a con-

correncia enorme, mais o fazia destacar. As illuminações durante todas as noites foram deslumbrantes.

Quando o monarcha visitou a Camara, foi-lhe apresentada a bandeira que D. Pedro IV agraciou com a Torre Espadã. Depois de inaugurar o monumento commemorativo da visita real, houve o jantar official, em que El-Rei fez um brinde enthusiasrico á Terceira, lembrando o papel que ella havia tido na historia liberal da nação.

A vegetação dos arredores é profusa e luxuriante. Por isso o passeio ás freguezias do oeste foi o mais pittoresco que se pôde idealisar. Em todos os pontos os soberanos foram festejados com grandes ovações, e uma d'estas, a maior talvez, foi a que elles receberam por occasião da tourada, espectáculo caracteristico e profundamente local. Seguiu-se depois uma revista penuria e agricola, e o aspecto do campo onde as Magestades assistiam ao desfile dos melhores productos da lavoura não podia ser mais interessante nem mais imponente. Depois, os Reis foram brindados com um copo de leite mugido de uma vacca, riquissimo specimen apresentada com o seu bezerro rechonchudo e bonito. O almoço serviu-se depois com vinhos todos da ilha. Na noite da despedida, as magestades jantaram a bordo, a convite da officialidade. Foi uma festa deslumbrante á qual assistiram todos os commandantes e officiaes disponiveis dos navios nacionaes e estrangeiros ali ancorados. Diversos brindes se fizeram. El-Rei saudou a marinha e as suas glorias e depois o rei de Inglaterra e a marinha inglesa. Era 1 hora da madrugada quando a esquadra levantou ferro em direcção a Ponta Delgada.

Em S. Miguel

Depois da calorosa despedida da Terceira, onde as illuminações assumiram um deslumbramento estonteante, a esquadra pôz-se em marcha, e, quando se avistou a ilha de S. Miguel, e horas depois se entrou na doca de Ponta Delgada, encontrou-se uma recepção ainda mais ruidosa do que houvera sido na de Funchal, Horta e Angra. Comprehenda-se. Chegou-se ao termo da viagem, e a ilha, que fica geograficamente mais distante, preoccupou-se em não deixar esmorecer a impressão saudosa d'essa viagem, e antes avival-a o melhor possivel. Além d'isso,



As mais delicias de Portugal
 USO INTERIO—Esmagado, gota, rheuma
 asma articular, diabetes.
 USO EXTERIO—Reumatismo, gota, sci-
 alia, neuralgia craniana, etc.
HOTEL E CASINO
 Instalações na mais confortavel e comple-
 ta de Portugal Este estabelecimento abre em
 13 de maio e fecha em 31 de outubro.
 Correspondencia: Gravena—CUCOS
 TORRES VED'S



A EQUITATIVA

Dos Estados Unidos do Brasil
 SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA
 Sêde social: Rua da Candelaria, 7—Rio de Janeiro

FILIAL EM BELEM DO PARÁ—SUCCURSAL EM MANAOS
 Auctorizada a funcionar pelos Decretos n.ºs 2.245
 de 23 de Março de 1896, 3.272 de 8 de Maio de 1899 e 3.304
 de 30 de Maio do mesmo anno

SEGUROS SOBRE A VIDA

O seguro de vida na EQUITATIVA representa para o rico um excelente meio de preparar o dote dos seus filhos, assegurando-o desde logo, se fallecer prematuramente; para o pobre é a melhor garantia para o amparo da sua familia se fallecer dentro do prazo do seu contracto e, para si, um ottimo armazo para sua velhice se sobreviver.

Os contractos da EQUITATIVA, no fim de tres annos, não caducam mais por falta de pagamento dos premios, apenas o seguro fica reduzido proporcionalmente ás prestações já pagas pelo segurado.

Toda a pessoa previdente deve possuir uma apolice da EQUITATIVA porque, nas suas numerosas combinações da seguros de vida, estão previstos todos os actos de previdencia mediante os quaes, com modica contribuição annual, semestral ou mesmo mensal, o rico e o pobre podem garantir-se a si e aos seus contractados das vicissitudes da existencia.

A EQUITATIVA roga ás pessoas que lerem este annuncio que examinem com attenção os seus estatutos, tabelas e relatorios que são encontrados em Manaos nos mãos do seu representante o sr.

Antonio Ferreira de Andrade

o qual lhes prestará tambem todos os esclarecimentos e informações que desejarem sobre esta utilissima instituição.

Rua Henrique Martins, 27. MANAOS

JOÃO BASTOS & C.ª
COMMISSOES E CONSIGNACOES
 LISBOA—Rua da Prata, 14, 1.

HERMINIOS
GRANDES ARMAZENS
 2886 Rua de St.º Antão,
 Rua 24 da Bandeira, 30
 Estabelecimento dentro do mesmo prédio.
 Casa montada sob a direcção dos estabelecimentos congeneres do est.º algar. Venda de todos os artigos indispensaveis.

Libreria modernis **PEREIRA & SILVA**
 PARÁ—R. Cons.º João Alfredo, 23
 Letraria completa
 Sortimento completo de livros da
 litteratura, direito, instrucção, etc.
PREVENÇÃO DE ESCRITÓRIOS
 Preços sem competencia
 Despacho telegraphico Moderna.

V.ª WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª
 Commissoes e Consignações
 IMPORTADORES DE VINHOS

Telegram mes Caixa do correio
 Wenceslau Rio N.º 272
R. General Camara, 17

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez
LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19
 Empréstitimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2 %, de 10 a 50 annos. Empréstitimos em conta sem prazo: a juro de 3 1/2 % e commissão de 1/2 %, de 1 a 3 annos. Depósitos accionistas sem prazo ou a ordem, vencendo 3 1/2 % a ordem e 3 1/2 % ao prazo de 1 mes; 3 1/2 %, a 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem suas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installado uma das agencias que resolve com a maior rapidez qualquer das operações de Companhia.

LA UNION Y EL PERU ESPAÑOL
 Capital social 3.500.000.000 rs.
 13.000.000.000 REIS
 De sinistros pagas desde 1864 até 1903
 PREMIOS E REVENHOS 5.000.000.000
 Seguros contra incendio, explosão de gas e todos.
 Equator Atlantico & Dolos Maritimo
 Companhia Danonina contra os shotes multimos e shotes de transporte de qualquer natureza.
 DIRECTORES—Luis Muga & Filhos
LISBOA—Rua do Prato, 20, 2.º

HOTEL DURANT
English Hotel—Lisboa
 7, Rua das Flores—Largo do Quatrelha
 Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

Livros uteis e instructivos
 Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da Empresa Editora de Arthur da Silva, Rua dos Douroadores, 22, Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL—4.ª edição—Douro e cresço do mundo até á nossa epoca Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, in-4.º gr., 2.ª edição, com 5.500 pag. e 8 gravuras, br., Lisboa	HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA—1842—Schuchardt de Fuchs edito—Desde o anno de 1500 até o de 1763—Revisão e annotada por J. Gomes Gôes, in-8.º grande 2.ª edição de luxo 487 pag. e com 10 grav. 2.º mo. massa, broch. 2.500
Em encad. letira, br., Lisboa	Em 4.ª encad. franceza 2.500
OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1874 e 1875—C. Castilho—Verdade pelo visconde de Castilho—In-8.º, com 312 paginas e retrato do autor, br. 700	RESNIA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL—«Silvestre Pinto e Visconde de Sanches de Baizão—2 vol. in-4.º grande, com 1040 pag., edição de luxo, com braço de arm de seu traço, br. 28.000
Em encad. letira ou in-4.º gr. 700	Em 1.ª encad. franceza 2.500
DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA—11. tomo N.º A. A. C. de Lezardes—Diccionario de synonymos, Vocabulario de lingua Brasileira, ou Topo-Vocabulario do dictionario Guizot, 2 vol. in-8.º, 4.ª edição, com 2.600 pag. see ill., in-8.º, 18.000	O ENGINHO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA—«L. Miguel de Cervantes Saavedra—Verdade do Visconde de Bonaventura, 3 vol. in-8.º com 1111 pag. e 31 grav. broch. 2.500
Em 1.ª encad. franceza 2.500	Em 1.ª encad. franceza 2.500
HISTORIA DAS PENSEIAS E POLITICAS E RELIGIOAS, occidntes em Hespanha e Portugal, desde a idade media até aos nossos dias—Verdade do Visconde de Bonaventura, 3 vol. in-8.º, com 1347 pag. 4.ª edição, 2.500	OS SERTÕES D'AFRICA—«Alfredo Sarmento—Apontamentos de viagem, in-8.º, com 25 pag. e 15 grav. e 1 mappa de Africa, br., in-8.º, 1.500
Em 1.ª encad. franceza 2.500	Em 1.ª encad. franceza 2.500



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

de Londres, 1862; Porto, 1865 e Paris 1867 e 1875.

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1846

Os vinhos com o nome da minha casa só devem ser considerados genuínos e autênticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA { Dr. Manoel Gomes Matta
Joaquim Dias Fernandes
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE—RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO



Agencia Financial

DE PORTUGAL

R. da General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitales de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

VICTORIA

O melhor vinho do PORTO

MENÉRES
& Comp.^a

PORTO





ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recobe e satisfaz encomendas para o Brazil e Africa com grande desconto

—+ Sempre as ultimas novidades +—

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas de Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui alem das magnificas commodidades e bom serviço, um excellento parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma disposição como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ:

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA:

Casa dos Oito Globos

Rua Augusta, 286



H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINGAL

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Acho-se publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brazil (na da Brazilia) broch. 30\$000 dis. ant. 40\$000 rets. Assigatura permanente. — Publicação de uma encyclopedia mensal no preço de 2\$000 rets. franco de port.

EDITORES: LEMOS & C.º successores

Largo do S. Domingos, 151. — PORTO

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.º — Rua da Huitanda, 38

Agente geral no Brazil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAS

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

+ ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO +

Rua do Carmo, 68 a 72 —quina das escadilhas de Santa Justa

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direccão de MAXIMIANO LEMOS

Lente da Escola Medico-Cirurgica da Porto

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Antunes de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. F. de Sousa Silva, D. Antonio Barros, A. A. Costa Ferreira, Bento Carneiro, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Carreira, Domingos Ramos, Eduardo Siqueira, Ezequiel Mala, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco de Paula Chã, Francisco de Azeredo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filinto, dr. João Palma, Joaquim A. Cambeas, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luis Viagas, M. d'Olivera Ramos, Nuno Querol, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simões Machado, Theophilus Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.